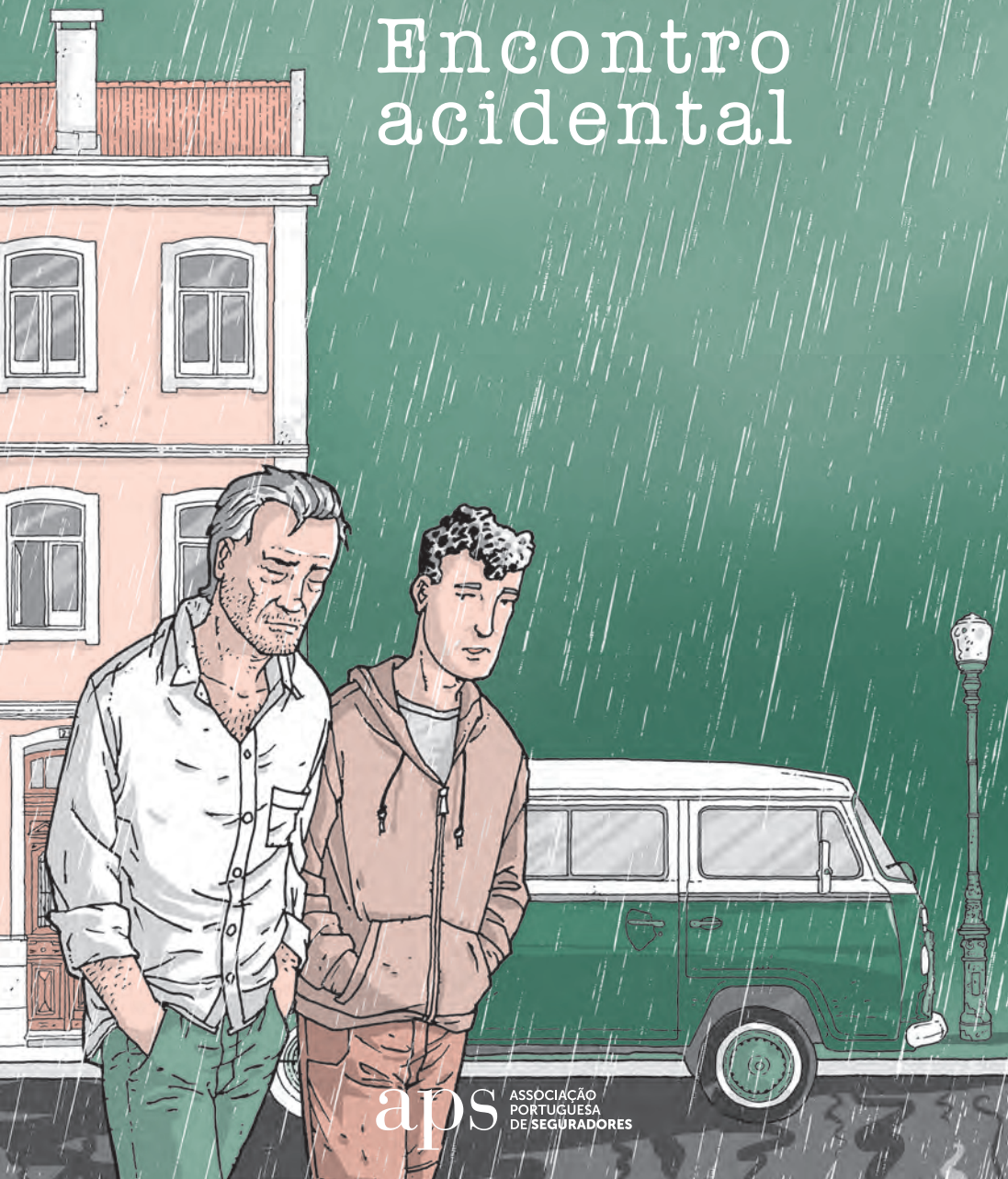


ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Encontro acidental



aps

ASSOCIAÇÃO
PORTUGUESA
DE SEGURADORES

Título: Encontro accidental
Coleção: Seguros e Cidadania
Autoras: Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada

Copyright 2017: APS2017

Edição: Associação Portuguesa de Seguradores
Ilustrações: Carlos Marques
Conceção gráfica e paginação: TVM Designers

Impressão: Gráfica Maiadouro, SA.
Tiragem: 3000 exemplares
ISBN: 978-972-98847-8-8
Depósito Legal n.º 432156/17

1.ª edição – outubro 2017

Encontro
acidental

ANA MARIA MAGALHÃES · ISABEL ALÇADA

Encontro acidental

Capítulo 1



Manhã cinzenta

O dia amanheceu pardo e a ameaçar chuva, para grande preocupação de Mateus, que bem conhecia o efeito das condições atmosféricas no ânimo do tio.

Quando afastou as cortinas e deu com os olhos no manto de nuvens baixas que ocultava o céu, suspirou.

— Não faltava mais nada!

De cabeça encostada à janela, embaciou o vidro, deixou de ver a rua e semicerrou os olhos.

— O que é que eu hei de fazer para o ajudar?

Na falta de ideias encolheu os ombros. Sempre fora amigo do tio que, apenas sete anos mais velho, se relacionara com ele como se fossem irmãos. Ensinara-o a andar de

bicicleta, levava-o a acampar pela primeira vez e a conhecer os mais belos recantos do país. Passavam muitas vezes férias juntos, adoravam conversar, e a partir de certa altura tinham-se habituado a fazer confidências, partilhando alegrias e tristezas, sonhos realizáveis ou delirantes. Ele, Mateus, assumira desde cedo a tarefa, por vezes espinhosa, de ajudar o tio a emergir dos estados depressivos em que se afundava ou a dominar os impulsos súbitos, incompreensíveis ou inexplicáveis que só o prejudicavam. Às vezes era bem sucedido, outras nem por isso.

Ultimamente tudo se complicara devido à paixão do tio por aquela criatura insuportável que exigia ser tratada por Nell e nunca pelo nome de batismo, Manuela. Bonita seria, elegante talvez, vaidosa e ambiciosa sem qualquer dúvida. O pior, no entanto, era ter-se autoconvencido de que o sucesso da banda a que ambos pertenciam se devia apenas à excelência da própria voz, afinal normalíssima, e esquecesse a qualidade dos temas compostos pelo tio, a maneira suave, leve, sedutora de ele tocar piano, o virtuosismo dos outros músicos.

- Ainda por cima reclama, diz inconveniências, gaba-se, fá-lo sentir-se inseguro. O tio Paulo devia era odiá-la. Por que será que se apaixonou?

Perguntas do género ficam sempre sem resposta. Paulo apaixonara-se perdidamente, ela de início correspondera ou fingira corresponder, a relação tinha sido sempre desequilibrada e um verdadeiro tormento para Mateus, que se inquietava por ver o tio em permanente estado de ansiedade, ora eufórico ora de rastos, a comer mal e a beber bem, agarrado ao telemóvel na esperança de que ela lhe ligasse ou pelo menos enviasse mensagens a toda a hora. De vez em quando tentava aconselhá-lo.

- Tio, não lhe compre presentes caríssimos!
- Compro porque a adoro.
- Mas ela não lhe liga nenhuma.
- Isso dizes tu. A Nell é resevada, não gosta de mostrar o que sente.

Enfim, os conselhos caíam em saco-roto. E quanto mais Nell lhe dava para trás, mais ele tentava agradar-lhe. O resultado era péssimo. O tio afundava-se numa tristeza profunda, sofria horrores com ciúmes de tudo e de todos, atormentava-se a imaginar cenários de rutura, chegara a ameaçar que, se ela o deixasse, punha fim à vida. Ameaça que afinal de contas já não era nova. O tio dizia aquelas baboseiras pela boca fora, quando entrava em parafuso, depois esquecia.

Mateus acompanhava aquela agonia com preocupação, devido ao que se passara há ano e meio, tentava disfarçar, mas a certa altura, farto de cenas, impacientara-se e pensara mesmo transferir-se para uma universidade suficientemente longe de casa do tio para poder continuar os estudos de Medicina em paz e sossego. No entanto, não o fizera a tempo, e agora a mudança estava fora de questão porque Nell, ou melhor, Manuela, na véspera à noite acabara o namoro alegando que de quem gostava era do baterista e tinham decidido ir viver juntos. Não podia abandonar o tio no auge da crise.

Desanimado, afastou-se da janela, olhou o relógio pousado na mesa de cabeceira e inspirou fundo, a ganhar coragem.

— Preciso de engenho e arte para lhe dar a volta. Veremos se consigo.

Deteve-se um instante à porta, depois bateu e chamou:

— Tio Paulo!

Como não obteve resposta, foi entrando. Paulo deitara-se vestido e calçado. Por sorte, ressonava, caso contrário julgá-lo-ia morto devido à posição de abandono, à cor da pele, à espuma que se lhe formara ao canto da boca. Condoído, aproximou-se e sacudiu-o ao de leve.

— Tio, está na hora, levante-se.

Ele pestanejou, fez o trejeito típico de quem tenta recuperar a consciência e virou-se de costas.

— Deixa-me. Tomei um comprimido para dormir, hoje não me levanto.

O sobrinho engoliu em seco, sentou-se na beira da cama e voltou a abaná-lo.

— Esqueceu-se da reunião? É importantíssima, tem de se levantar. Vou fazer um café forte.

— Não quero.

— Claro que quer. E precisa de tomar banho, mudar de roupa. Entretanto preparo-lhe o pequeno almoço. Torradas com manteiga e mel ou prefere o resto do pão-de-ló?

— Tanto faz.

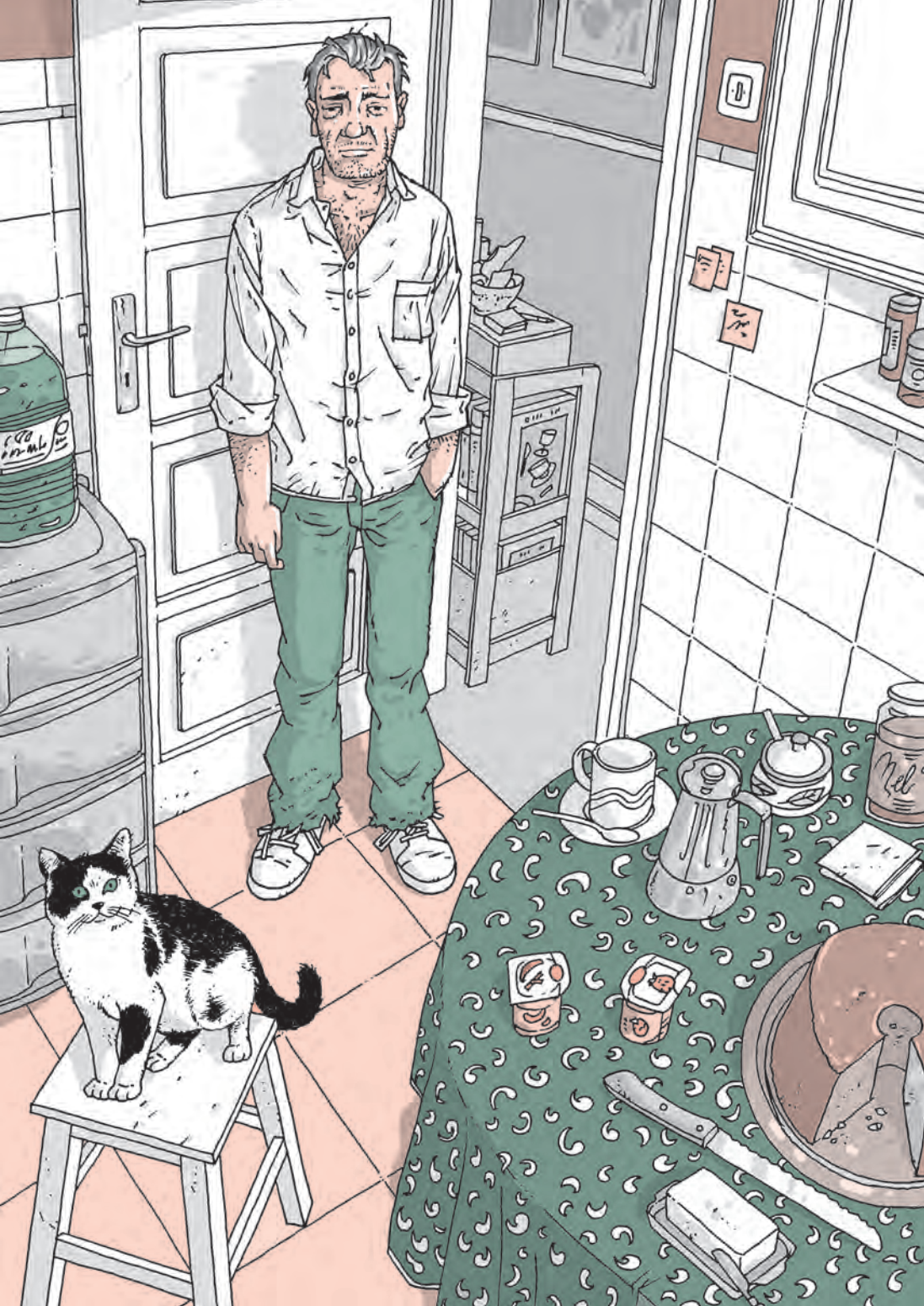
Embora a resposta tivesse sido mais rosnada do que pronunciada, funcionou como luzinha ao fundo do túnel, pois sugeria a intenção de se levantar e de comer qualquer coisa mesmo sem vontade.

— Não demore, que eu tenho aula.

Aliviado, Mateus dirigiu-se à cozinha, enfiou duas fatias de pão na torradeira, aqueceu leite e café, pôs o bolo em cima da mesa e, pelo sim pelo não, tirou dois iogurtes do frigorífico. Hesitava em espremer uma laranja, quando

Paulo entrou na cozinha com ar alucinado. Não tinha tomado banho, não tinha feito a barba, limitara-se a mudar de camisa e a pentear-se.

- Vai assim para a reunião?
- Vou.
- Olhe que pode causar má impressão. Está lá o vosso agente, está a pessoa que organiza o festival, convém apresentar-se de maneira decente.
- Nem sei se vou ao festival.
- Sabe. Aliás a banda não vale nada sem o tio ao piano e sem a sua direção.
- Que se arranjem — respondeu num tom ácido, desagradável. — Não quero ver aqueles dois à minha frente. A banda, para mim, acabou.
- Mas a música não, porque é o que há de mais importante na sua vida.
- O mais importante era a Nell.
- Ó tio, por favor! Abra os olhos. Ela é uma pessoa horrível, serve-se dos outros...
- Estás a dizer que se serviu de mim?
- Talvez também, não sei nem me interessa. O que quero dizer-lhe é que para si, a partir de hoje, a Nell passou a ser apenas uma voz que canta na banda. E nem sequer é



grande coisa. O que lhe convém é afastá-la logo que for possível. O agente que contrate outra vocalista e que a ponha a andar!

Paulo não respondeu, atacou as torradas e bebeu duas chávenas de café tão à pressa que por pouco não se engasgava. O sobrinho mirou-o de alto a baixo disfarçadamente. Mal penteado, com barba de véspera, olhos empapuçados, camisa cheia de vincos, calças esfiapadas nas pontas. Causaria má impressão? Ou, pelo contrário, no mundo da música, seria o mais adequado? Preferiu pensar que sim para evitar discussões.

— Venha, descemos juntos.

O elevador estava avariado, não tiveram outro remédio se não descer as escadas. O que não foi mau. Sem poderem olhar-se frente a frente, tornava-se mais fácil dizer umas palavrinhas de encorajamento.

Mateus hesitou, sem saber se devia ou não lembrar ao tio as várias paixões que nos últimos três anos o tinham atormentado a pontos de querer desistir da música. E lembrar também a rapidez desconcertante com que afinal esquecia umas namoradas para começar com outras. Pensando bem, preferiu evitar o tema para que não disparatasse e limitou-se a abordar o problema do momento.

- Tio, a Nell rompeu consigo ontem. É natural que hoje lhe pareça tudo negro. Mas há pelo menos dois milhões de mulheres no mundo que adoravam namorar consigo. Não se deixe ir abaixo.
- Acho que bati no fundo do poço.
- Então o único caminho é para cima, como de costume. Não é a primeira vez que isto lhe acontece. Pense na reunião que o pode levar a uma *tournée* internacional.
- Não me apetece ir a lugar nenhum, apetece-me desistir de tudo.
- Não pode, nem deve. Esqueça a Nell e lembre-se dos outros músicos, coitados.
- Queres que pense no baterista?
- Sim, para correr com ele. O seu agente que despache os dois o mais depressa possível, arranjem outro vocalista, outro baterista e pronto. A alma da banda é o tio.
- Era.
- Deixe-se de dramas, toda a gente tem desgostos de amor, toda a gente casa e descasa, vai uma vem outra.
- A vida perdeu o sentido.
- Que disparate! Já lhe ouvi isso tantas vezes, sei que passa e o tio também sabe.

- Nunca te apaixonaste à séria, não podes avaliar o que sinto.
- Mas pode o tio. Quantas paixões já teve?
- Sei lá. Não me maces.
- Escute, às vezes é quando menos se espera que se têm boas surpresas.
- Resolveste armar em filósofo?
- Limitei-me a repetir ideias suas.
- Minhas?
- Sim, datam de quando em pequeno parti uma perna e me foi visitar quase todos os dias.
- Suponho que te levei revistas, livros, chocolates.
- Levou. E música. Mas, para me animar, entregou-me um papel dobrado onde tinha escrito «às vezes, quando menos se espera, têm-se boas surpresas». Lembra-se?
- Não, nem quero lembrar. O teu autocarro é para ali, estás a desviar-te do caminho.
- Tenho tempo. Faça-lhe companhia até onde for preciso.
- O que tu queres é ter a certeza de que vou à reunião.

Mateus não fez comentários. Paulo, que de facto ansiava ver-se livre do sobrinho para poder voltar para casa, decidiu fingir que precisava de passar pela oficina onde tinha posto o carro a arranjar. Mas Mateus trocou-lhe as voltas.

- Ótimo. Eu também preciso de lá ir para perguntar se já sabem o preço do carro que um cliente deles quer vender.
- Estás comprador?
- Logo se vê.

A oficina, um pouco antiquada e bastante escura, cheirava imenso a óleo. Os empregados, à roda de um problema qualquer, demoraram a atendê-los. Paulo encostou-se ao balcão de madeira coberto de papelada, onde costumava fazer os pagamentos e ficou por ali, imóvel, de olhos postos num pneu velho.

O sobrinho observou-o de soslaio, cheio de pena de o ver tão triste e de não lhe poder valer. Por um instante, passou-lhe pela cabeça que o tio ia fechar-se como um harmónio, e acabar espalmado no chão. A imagem construída mentalmente incomodou-o, virou-se para a porta com a intenção de se distrair. Tinha começado a chover, chuva miudinha, silenciosa, traiçoeira.

- Realmente, só cá faltava mais isto!

Capítulo 2



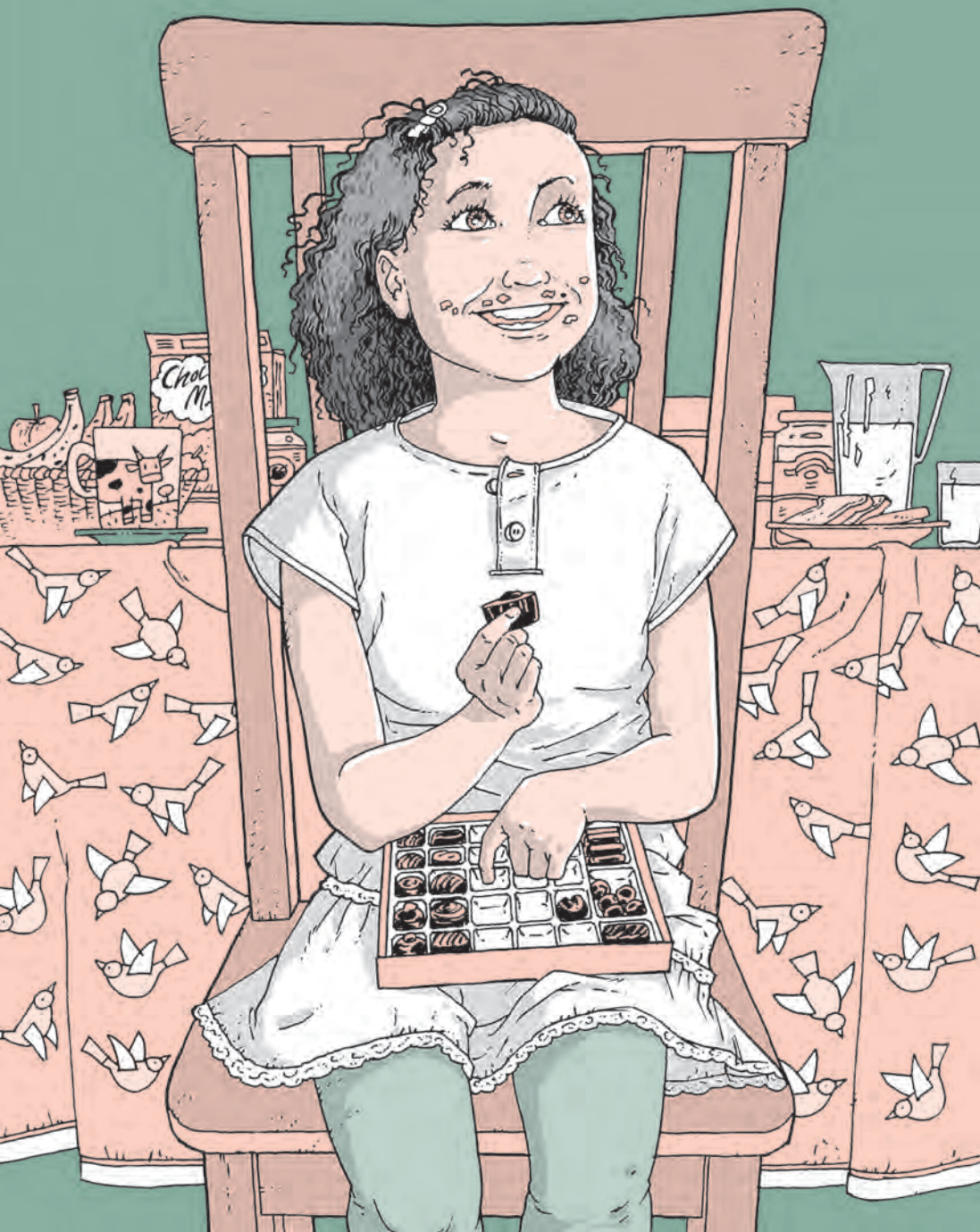
Piso escorregadio

O duche morno logo de manhã fazia parte dos pequenos prazeres que Sara não dispensava. A água a escorrer pelo corpo redobrava-lhe a energia garantida pelo sono tranquilo, esfregar-se no lençol turco era tão agradável como plantar-se em frente ao espelho a contemplar a face de pele acetinada, o narizinho perfeito e, sobretudo, os invulgares olhos azuis, que tanto podiam brilhar no tom forte das turquesas como adquirirem cintilações arroxeadas por serem sensíveis à luz e às cores do ambiente, conforme explicava às pessoas que reparavam, e sensíveis também aos seus estados de espírito, segredo que até então não revelara a ninguém. Esses deliciosos momentos de autocontemplação nunca poderiam

prolongar-se pois as horas do dia eram escassas para as suas inúmeras atividades, acrescidas desde que montara a empresa Coma Saudável. O êxito quase imediato obrigara-a a ampliar as cozinhas onde se preparavam e embalavam as refeições, a contratar mais pessoal e até a comprar duas carinhas novas para poder fazer as entregas aos clientes, que se iam multiplicando a olhos vistos.

Enquanto esfregava a cabeça com uma toalha turca, enumerou mentalmente as tarefas que devia cumprir até à hora de receber a família para o jantar de anos da filha.

«Tomar o pequeno almoço, explicar à Leonilde o que deve fazer para logo à noite. Levar a Rita à escola, passar na empresa, ir ver o escritório do prédio ao lado, que está para alugar e talvez me interesse, comprar o presente que a Rita pediu, comprar meias para mim, enviar preços aos clientes que me contactaram pela Internet, receber os donos do colégio que querem encomendar refeições saudáveis para os alunos, ir buscar a madrinha da Rita ao comboio, ir buscar a Rita à escola, comprar flores, ir para casa ver se a Leonilde fez tudo o que eu lhe pedi, tratar dos últimos arranjos, convencer a Rita a largar os *jeans* e a vestir roupa de festa. Pintar os olhos, enfiar o vestido preto que me fica uma maravilha.»



Divertida com aquela enumeração, que sempre a fazia sentir bem consigo própria, calçou as botas e precipitou-se para a mesa do pequeno almoço. Encontrou a filha com uma espécie de bigode castanho por cima da boca.

- Rita! Não acredito. A comeres chocolates a esta hora!
- Hoje faço anos, lembra-se?
- Dei-te os parabéns quando te fui acordar, não ouviste?
- Ouvi — respondeu ela ainda a mastigar um bombom recheado de creme de caramelo.

Sara não queria aborrecê-la no dia dos anos, mas não resistiu porque andava preocupada.

- Filha, não podes comer tantos doces, que te fazem mal.
- A mãe nunca compra, por isso não como muitos, como pouquíssimos e só quando alguém mos dá.
- Quem te deu esses?
- A Leonilde. Trouxe-os ontem para serem o meu primeiro presente.

Conforme vinha sendo habitual, na frase, aparentemente neutra, havia uma crítica implícita. Afinal fora a empregada quem tivera o cuidado de lhe comprar um presente para ela receber ao acordar.

«Está a entrar na idade do armário, não há nada a fazer», pensou enquanto descascava uma maçã.



- Não quer uma torrada com manteiga e mel?
- Sabes muito bem que prefiro fruta.

A conversa talvez tivesse azedado se não fosse a chegada intempestiva da Leonilde, sempre bem-disposta, em geral apaziguadora e, desta vez, carregando uma caixa com o bolo de anos, encomendado na pastelaria em frente, para a Rita levar para a escola.

- Deve estar lindo, que o pasteleiro é um artista.

Pousou a caixa em cima da mesa e retirou a tampa. Rita debruçou-se para ver se tinham colocado dez velas e ficou lívida.

- Olhem o que o pasteleiro escreveu no meu bolo!

A mãe e a empregada espreitaram para dentro da caixa e riram-se porque, utilizando letras caprichosamente desenhadas, o pasteleiro desenhara: *Parabéns Sarita!*

- A mãe é que é Sara. Eu sou Rita e odeio que me chamem Sarita! Não levo esta porcaria de bolo para a escola!
- Calma, filha. Tudo se resolve, queres ver?

Com uma faca a mãe raspou as letras S e A, depois ali-sou o creme e mostrou-lhe.

- Vês? Ficou Rita.
- Que eu saiba os nomes próprios escrevem-se com maiúsculas.

Leonilde resolveu interferir.

— Isso também se arranja. Eu dou um jeito.

Utilizando uns restinhos das letras removidas, lá compôs um R maiúsculo quase perfeito e ao mesmo tempo foi lembrando:

— É pão-de-ló recheado com doce de ovos.

— Bom, vamos embora que se faz tarde. Veste o casaco.

Rita não tornou a abrir a boca. Seguiu a mãe de expressão fechada, mochila às costas, a caixa nos braços.

Capítulo 3



Acidente

A chuva miudinha que insistia em cair formara uma espécie de névoa e complicara bastante a circulação do trânsito. Sara tentou escapar por ruas habitualmente menos frequentadas, mas pelos vistos a ideia ocorrera a imensa gente, estava tudo engarrafado e a maioria dos condutores em raiva crescente. Alguns apitavam, outros espreitavam pela janela a ver se percebiam o que se passava mais adiante, nos carros onde viajavam crianças havia bastante agitação.

— Que maçada! Vamos chegar atrasadíssimas.

Rita, ainda amuada com a história do bolo, ignorou o comentário da mãe.

— A tua professora fica aborrecida com os atrasos?

— Às vezes.

A conversa ficou em suspenso porque começou a chover mais e os vidros do carro embaciaram. Sara premiu o botão que acionava o desembaciador e acelerou para aproveitar os últimos segundos do sinal verde.

— Que nervos! Odeio engarrafamentos.

*

Na oficina, Mateus baratinara todas as tentativas do tio para se ver livre dele. De vez em quando lançava miradas ao relógio, a fim de calcular se tinha ou não tempo de chegar à faculdade antes do início da aula. Percebendo que não tinha, desistiu e encolheu os ombros.

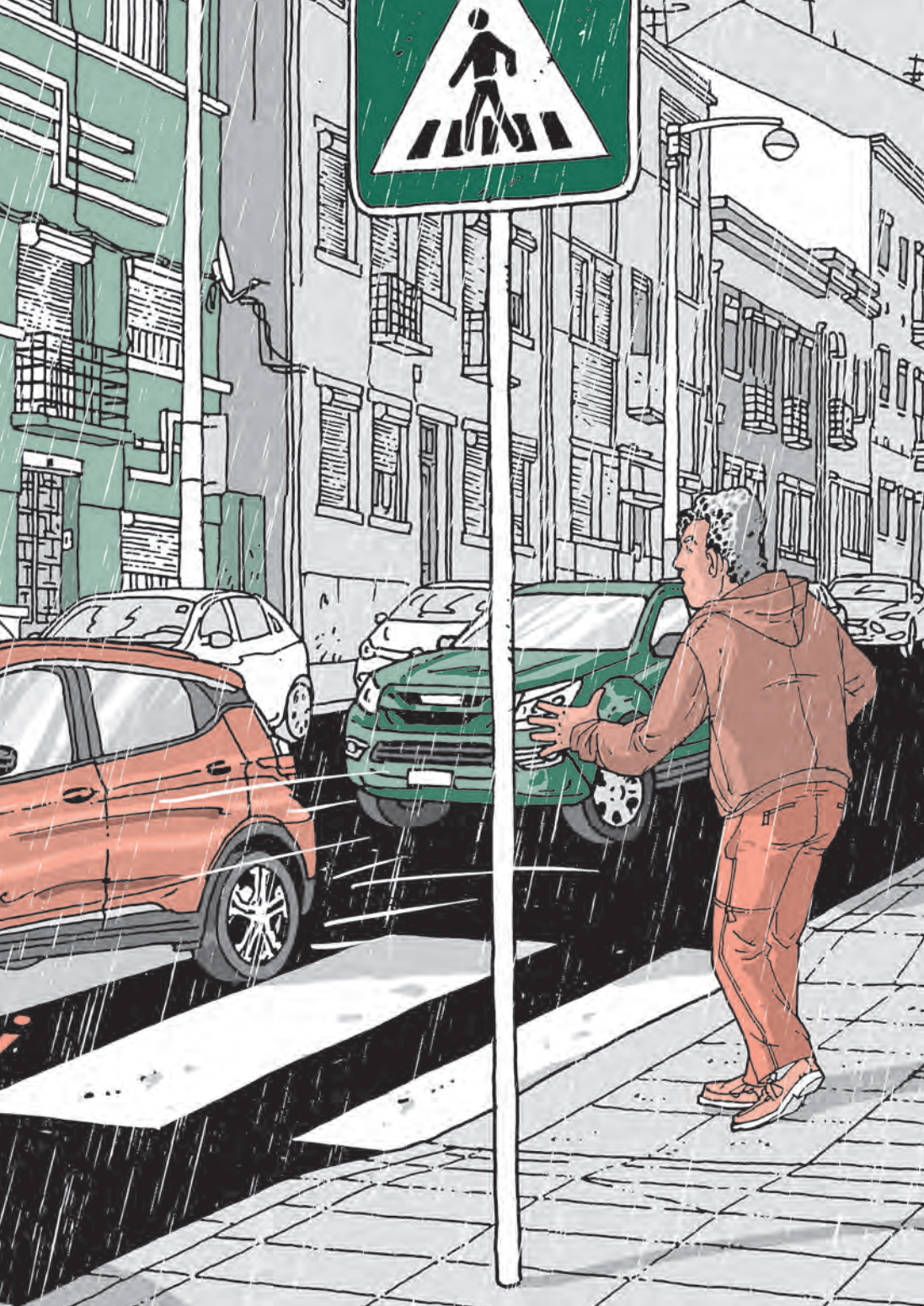
— Paciência. É mais importante arrastá-lo até à reunião.

Arrastar era o termo certo, pois Paulo, tal qual um zombie, retardou ao máximo a saída e, quando finalmente se decidiu a caminhar pelo passeio, fê-lo de cabeça baixa e arrastando os pés. O sobrinho, convencido de que seria inútil tentar apressá-lo, limitou-se a fazer-lhe companhia, e adotou o mesmo passo de desconcertante lentidão. Quem se desse ao trabalho de, naquela manhã cinzenta e húmida, reparar neles, ficaria perplexo por ver dois indivíduos deslocarem-se àquele ritmo sem guarda-chuva e sem procurarem abrigar-se debaixo de toldos ou varandas.

Mateus, que começava a sentir-se encharcado, gostaria de dizer qualquer coisa que levasse o tio a mexer-se, mas temendo que a reação fosse péssima ou que se lembrasse de voltar para trás, manteve-se mudo. De repente, porém, e sem motivo aparente, o tio começou a andar cada vez mais depressa em direção a um cruzamento. Não olhou os semáforos, não prestou a menor atenção ao trânsito e lançou-se a atravessar a rua em passo acelerado. No mesmo instante ouviu-se grande chiadeira de travões seguida de estrondo, porque um carro, que em vez de parar ao sinal amarelo acelerara, acertou-lhe em cheio e projetou-o pelo ar. Paulo caiu desamparado, o carro derrapou para a direita e foi espetar-se ruidosamente de encontro à esquina de um prédio.

Mateus, que assistira à cena sem a poder evitar, perdeu a fala e, por um instante, ficou incapaz de se mover. Sufoçado de aflição, pareceu-lhe que tudo em volta permanecia estático e em silêncio, como se aquele recanto do mundo tivesse paralisado. Mas a gritaria que logo lhe penetrou no cérebro desfez a ilusão e ele precipitou-se para junto do tio, que jazia inanimado com a testa coberta de sangue. Apavorado, debruçou-se a tocar-lhe na veia do pescoço para verificar se estava vivo. Um coro de vozes berrou-lhe imediatamente.





- Não toque no ferido!
- Tem de se esperar pela ambulância!
- Chamaram o 112? — perguntou alguém.

A resposta foi dada pelas sirenes que já ressoavam ao longe.

De repente Mateus sentiu uma mão a crispar-se no seu braço, virou-se e deu de caras com uma mulher linda cuja face quase desaparecera ofuscada pelos próprios olhos, redondos, azuis, de brilho febril

- Conhece a vítima? Conhece? — gaguejava.
- Sim, é o meu tio.

A mulher largou num pranto.

- Fui eu que o matei! Não sei o que aconteceu, mas fui eu, fui eu!
- Calma. Ele não está morto.
- Tem a certeza?
- Tenho. Senti-lhe a pulsação no pescoço. Perdeu os sentidos, mas não morreu.

Completamente descontrolada, Sara caiu-lhe nos braços a soluçar. Pouco depois a filha saiu do carro e abraçou os dois, com lágrimas a correr pela cara abaixo. Não foi preciso mais para que se instalasse a confusão. Quando chegou a ambulância não faltou quem se encarregasse de explicar:

- O condutor do carro deve ter fugido porque não está ninguém ao volante.
- Mas a filhinha do morto está ali a chorar, abraçada à família.
- O homem só está ferido!
- E a criança vinha no carro.

A polícia ignorou os comentários e tentou afastar os mirões que esbracejavam em volta, prontos a jurar que sabiam o que se tinha passado.

- Excesso de velocidade!
- O condutor passou com o vermelho.
- Não sei se passou ou não, mas o homem atirou-se para debaixo do carro, que eu bem vi!
- Quem vinha a guiar era uma mulher.
- As mulheres têm sempre culpa, não é? Eu também vi o homem a atravessar a rua. Parecia sonâmbulo.
- Ou bêbedo.

O pessoal da ambulância, alheado das conversas, colocou o ferido na maca com todas as precauções e perguntou:

- Alguém acompanha este senhor ao hospital?
- Eu.
- É da família?
- Sou sobrinho e vínhamos juntos.

— Nesse caso, dê-nos o seu contacto — pediu um dos agentes da polícia.

Atrapalhado como estava, Mateus bloqueou, e não se lembrava do número do seu próprio telemóvel.

— Temos de ir para o hospital — repetia. — E depressa, que pode ser grave.

— Deixe-nos um contacto e siga.

— Mas estou com amnésia.

— Isso resolve-se. Dê cá o telemóvel que eu ligo para o meu e fico com o seu número registado.

Operação rápida, a ambulância seguiu viagem fazendo ressoar de novo as sirenes. Quanto à polícia, concentrou-se na condutora responsável pelo atropelamento. Primeiro fizeram-na soprar no balão.

— Taxa de alcoolemia zero — disse o agente que segurava o aparelho.

A voz evidenciava um certo alívio, pois seria desagradável acusar aquela mulher nova e bonita de, além de tudo o mais, conduzir sob o efeito de álcool logo de manhã.

A seguir um dos agentes pediu-lhe os documentos. Tomou notas e depois começou a examinar as marcas dos pneus e a fazer medições para se reconstituir o acidente a fim de poder apurar responsabilidades. O outro agente fa-

lou com as pessoas que tinham assistido e perguntou se estariam dispostas a servir de testemunhas em caso de necessidade. Várias disseram que sim e deram os contactos.

Rita assistiu a tudo colada à mãe e num estado de espírito que oscilava entre a vontade de chorar, devido à inquietação, e uma grande tristeza por pensar que o acidente lhe estragara o dia dos anos.

Capítulo 4



Momentos difíceis

No hospital Paulo foi imediatamente encaminhado para as urgências. Mateus ficou na recepção a apresentar os documentos do tio ao funcionário encarregado de fazer os registros de admissão dos doentes e a quem teve de explicar o que sucedera. Depois, evocando a sua condição de estudante de Medicina, pediu que o deixassem entrar nas urgências e falar com o médico de serviço. Pouco depois ouvia, não da boca de um médico mas de uma médica, notícias inquietantes:

- O seu tio sofreu um traumatismo craniano, está inconsciente, vamos fazer-lhe uma TAC e um exame neurológico. Quando tivermos os resultados falamos consigo.

- Posso esperar aqui?
- Talvez seja melhor esperar lá fora porque vai demorar. Tome um café, dê uma volta e aguarde na sala. Nós chamamos pelo altifalante.

O conselho era bom, saiu e foi ao bar tomar um café, que lhe pareceu amargo e enjoativo. Ansioso como estava, não conseguiu ir dar volta nenhuma e preferiu sentar-se num canto da sala de espera. Sabendo que o tio, talvez por ser músico e andar sempre em *tournées*, se quisera proteger com vários seguros, pegou na carteira dele e procurou um cartão que lhe indicasse qual a companhia seguradora que escolhera. O que encontrou foi o cartão de um mediador de seguros chamado Raimundo dos Santos.

- Tenho a impressão que o tio recebeu este indivíduo lá em casa e que era simpático. Se eu lhe ligasse? Vou ligar.

Raimundo atendeu-o delicadamente, mostrou-se muito incomodado com a situação e disse-lhe que convinha fazer a declaração o mais depressa possível.

- Mas o meu tio ainda está inconsciente.
- Nesse caso trate você do assunto. Se tem onde tomar nota indico-lhe a morada da seguradora e o horário de atendimento. Vá lá, que eles orientam-no.
- Vou tentar ir hoje mesmo.

- Logo que haja mais notícias por favor telefone-me ou mande mensagem, sim?
- Com certeza. E obrigado.

A espera prolongou-se. Enquanto aguardava, Mateus pensou se devia ou não informar a mãe sobre o que se passava com o irmão dela. Hesitou, acabando por decidir que só o faria quando soubesse exatamente o que devia dizer.

«Se eu lhe falo, a mãe mete-se imediatamente no carro, vem do Algarve a acelerar e ainda se arrisca a ter também um acidente. É melhor aguardar. Se afinal não for nada de muito grave o tio Paulo liga e entendem-se.»

Só então se lembrou que tinha de contactar o agente da banda o mais depressa possível.

«Coitado do Sérgio, deve estar espantado e furioso por o tio não aparecer na reunião para tratar do festival.»

Como não sabia o número dele tentou procurá-lo no telemóvel do tio, mas, sem conhecer o código, nada feito.

«Paciência. Talvez o Sérgio ligue para o tio Paulo e, nesse caso, atendo e contou-lhe o que se passou.»

De facto, pouco depois, o telemóvel tocou e era ele. Mateus lá se explicou como pôde, pois na verdade não estava certo e seguro do que se tinha passado.

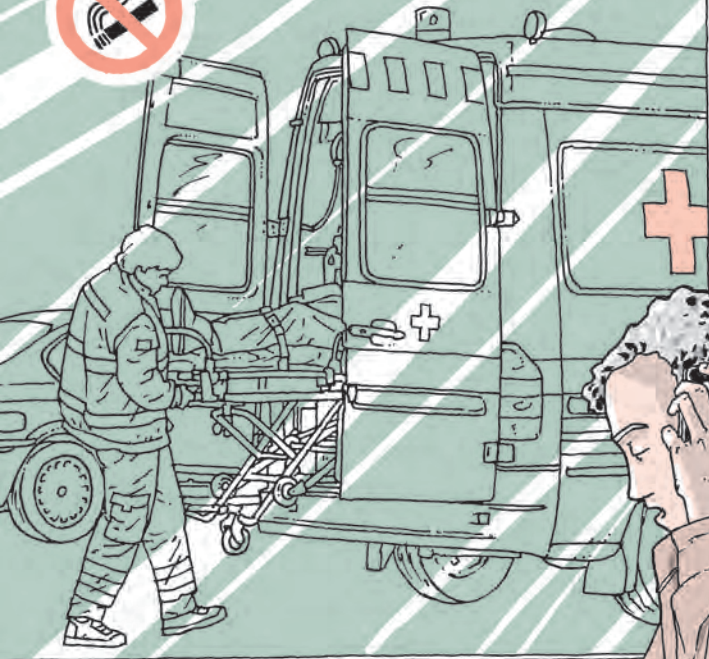
- Ó Mateus, achas que o Paulo logo à tarde pode vir? Ou amanhã? Adio a reunião? — perguntou Sérgio.
- Não, é melhor não. Trata tu do que for preciso e eu logo que saiba mais alguma coisa falo-te.
- O.K., fico à espera.
- Também eu — murmurou, impaciente —, nunca mais dizem nada!

Pelo altifalante já tinham chamado familiares de outros doentes, mas a ele não chamavam. Enervadíssimo, começou a andar de um lado para o outro, e foi assaltado por pensamentos muito tristes.

Aquele Sérgio, que devia o sucesso da banda às músicas compostas pelo tio, não era verdadeiramente amigo dele, pois não se oferecera para ir ao hospital.

«Pensando bem, o tio Paulo não tem amigos. E nunca teve. É estranho, porque convive com tanta gente. Passa a vida em espetáculos, o público adora-o. Por que será que não consegue estabelecer relações pessoais fortes e duradouras com ninguém?»

A memória devolveu-lhe imagens sucessivas de pessoas que por breves períodos de tempo tinham mantido laços de amizade com o tio e que a certa altura se afastaram.



Tal como as namoradas. Já lhe conhecera várias e nenhuma aguentara mais do que alguns meses.

«Ele será incapaz de relações profundas?»

A experiência dizia-lhe que não era esse o problema. O tio gostava imenso da irmã e a ele literalmente adotara-o, primeiro como se fosse filho, depois como companheiro. Qual seria então o motivo que levava as outras pessoas a afastarem-se?

O altifalante interrompeu-lhe os pensamentos, apressou-se a ir ter com a médica com quem falara na urgência.

*

Não menos enervada, Sara chamara a si toda a coragem e autodominara-se para reorganizar o dia que tinha pela frente e para não deixar que se estragasse o dia dos anos da filha. Enquanto esperavam pelo reboque que levaria o carro para a oficina tentou acalmar a Rita, conversando sobre o que iriam fazer de imediato.

- Telefonamos à Leonilde para ela ir comprar outro bolo de anos porque o teu ficou desfeito. Que o traga de táxi. Parece-te bem?
- Sim. Mas diz-lhe que não quero enfeites. Bolo liso, só com dez velas.
- Combinado.

Apesar de lhe parecer que a filha estava um pouco mais serena, passou-lhe um braço à volta dos ombros, depois explicou-lhe que ia adiar para o dia seguinte todas as tarefas relacionadas com o trabalho.

- Concentro-me apenas na tua festa, mas vou ter que passar na companhia de seguros e fazer a declaração do acidente.
- Não me levas à escola? — perguntou a filha a medo.
- Claro que levo. Tenciono explicar à professora por que é que chegas tarde.
- Ah!

Sara endereçou-lhe um sorriso apaziguador, disfarçando ao máximo a angústia que a invadira e da qual não se livraria tão depressa.

Leonilde apareceu-lhes em tempo recorde, como de costume. Afogueada, carregava uma caixa enorme porque, para consolar a sua querida menina, optara pelo maior bolo que vira na montra da pastelaria. Vinha numa tal nervoseira que ambas se sentiram na obrigação de a descansar.

- Não nos aconteceu nada. A nós não aconteceu nada. Foi só lata. O carro arranja-se e é o menos.
- E o tal senhor que atropelou?
- Seguiu de ambulância para o hospital.

Discretamente, Sara fez sinal à empregada para que não falasse mais no assunto e ela entendeu.

— Vamos embora de táxi.

Quando chegaram à escola Rita ainda tinha lágrimas nos olhos, mas no fundo já sentia um certo orgulho por ter vivido momentos aflitivos e sabia que tanto a professora como os colegas iam ficar impressionados com a história. A mãe, mais serena, entregou-a, deu as explicações necessárias e partiu diretamente para a companhia de seguros. Tinha as palmas das mãos suadas, uma dor aguda no pescoço e a respiração um bocadinho alterada. Mas como não lhe faltava treino a gerir sentimentos, sentia-se capaz de preencher os papéis necessários e de responder a todas as perguntas que lhe fizessem sem deixar transparecer o seu verdadeiro estado de espírito. Com plena consciência da sua culpa, e sem a menor intenção de ocultar ou torcer a verdade, avançou para o balcão onde seria atendida e esperou a sua vez.

Apesar de contar com o autodomínio que a caracterizava, que tristeza ir declarar um atropelamento.

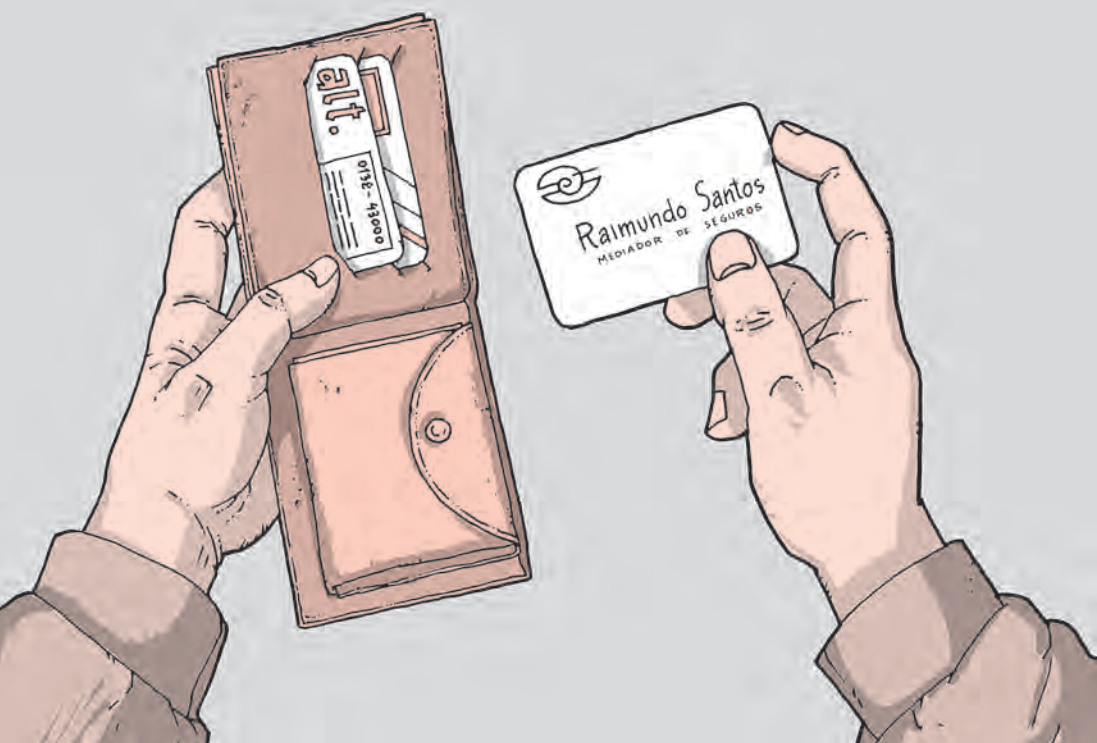
«Como é que eu fiz uma coisa destas? Nunca tive senão pequenos acidentes sem importância e agora sou responsável por uma coisa tão grave.»

Instintivamente procurou justificações. A agenda demasiado preenchida para um só dia, pressa, *stress*. Nada de novo, pois vivia em aceleração permanente. Ou seja, em risco permanente. O que era para admirar é que não lhe tivesse acontecido nada de grave mais cedo.

«Isto foi um sinal. Tenho que mudar. Ainda não sei como, mas hei de conseguir, caso contrário ainda morre alguém.»

Sem querer, recordou o corpo do homem estendido no chão e estremeceu. Estaria vivo? Ou morreria no hospital? A ideia provocou-lhe calafrios, que dissimulou porque chegara a sua vez de ser atendida.

Capítulo 5



Inconveniências

A médica acolheu Mateus com aquilo a que se poderia chamar simpatia profissional. Começou por se apresentar e depois deu-lhe informações.

- Sou a doutora Clara, você é o sobrinho do acidentado não é? Bom, o seu tio ainda não recuperou a consciência e foi levado para os cuidados intensivos. Já fizemos os exames, estamos a preparar os relatórios.

Ele escutava-a de coração nas mãos, e ficou aliviado quando a ouviu dizer:

- As análises de sangue não acusaram taxa de alcoolemia nem a presença de psicotrópicos. Sabe se anda a tomar alguma medicação?

- Sei que ontem tomou um comprimido para dormir, porque ele me disse. E talvez tome outras coisas. O meu tio tem tendência para a depressão e ultimamente foi-se muito abaixo por questões sentimentais.
- Não há vestígios de ansiolíticos no sangue. Ele está a ser seguido por um psiquiatra?
- Que eu saiba, não. Aliás, é teimoso e nunca admite que precisa de ajuda.

A médica olhou os papéis onde estava escrito o nome do doente

- Paulo Cícia. É o pianista dos Cícia Band?
- Sim. Pianista e compositor. Ele é que faz as músicas.
- Sou fã e tenho acompanhado a carreira do seu tio através das entrevistas que dá para a rádio, para a televisão e através de reportagens que aparecem nas revistas.

A conversa encaminhava-se obviamente para um campo que Mateus gostaria de evitar, mas, pensando que não seria possível, adiantou-se:

- Há cerca de um ano e meio o meu tio tentou suicidar-se, ou pelo menos foi isso que se disse, e a notícia espalhou-se rapidamente.
- Eu lembro-me.

Num impulso incontrolável Mateus acrescentou:

- Ele anda realmente muito deprimido porque tinha uma relação com a vocalista e ela ontem acabou tudo. Por isso é que tomou um comprimido para dormir.

Cheio de remorsos por ter forçado Paulo a sair naquela manhã, não resistiu a confessar:

- Talvez a culpa de tudo isto seja minha.
- Sua, porquê?
- Porque ele queria ficar na cama e eu não deixei. Obriguei-o a levantar-se para ir a uma reunião importante. Pensei que lhe faria bem reagir.

A voz perdera força, e foi num murmúrio rouco que concluiu:

- Não sei se ele não se atirou para debaixo do carro. Algumas pessoas que assistiram disseram que sim e eu fiquei na dúvida. Parecia um sonâmbulo...

A médica, num gesto de compreensão, pousou-lhe a mão no ombro.

- Não se culpe. Vamos dar tempo ao tempo. Com tempo tudo se esclarece.

*

A notícia do acidente que deixara Paulo inconsciente teve o efeito de uma bomba junto dos elementos da banda. O agente ficou desesperado porque na reunião da manhã,



apesar da ausência de Paulo, tinha fechado contrato para a participação no festival que lhes iria proporcionar fama e ganhos significativos.

— O que é que eu faço? O que é que eu faço? — repetia sem cessar. — Não podemos ir sem pianista.

Nell mostrava-se irritada, impaciente.



- São mesmo coisas do Paulo! Tinha de se ir enfiar debaixo de um carro logo hoje.
- Se ele se enfiou debaixo do carro a culpa é tua.
- Minha? Era só o que me faltava ouvir. Eu estou farta dele há meses, aturei-o por pena, mas cansei-me. Vocês acham que eu tinha obrigação de ficar com um homem

que já não suporto? Por favor! Até as músicas que ele compôs me enjoam!

- As músicas do Paulo são o principal motivo de sucesso da nossa banda.
- Não digas isso. O que não falta por aí é quem compo-
nha boa música. E pianistas à procura de uma oportu-
nidade são mais que muitos. Se o Paulo voltou a tentar
suicidar-se é lá com ele. Nós temos que seguir em fren-
te. Não é, Alfredo?

Sérgio olhou-a incomodado com tanta frieza, tanto egoísmo, tanta superficialidade. Aquela rapariga de facto não prestava. Tinha-se insinuado junto de Paulo para conseguir o contrato. De início parecia mesmo apaixonadíssima, afinal era tudo treta, e agora que ele estava em risco de vida não mostrava sequer uma ponta de compaixão. Se pudesse corrê-la-ia à estalada, punha-a fora do escritório, despedia-a, mas o maldito contrato que o Paulo insistira para que assinassem ainda estava em vigor. Em todo o caso, talvez valesse a pena consultar o advogado a ver se havia maneira de se ver livre dela.

O ambiente no escritório estava de cortar à faca. Nell parecia uma leoa enjaulada. Alfredo, embaraçado por se sentir envolvido naquele drama, tamborilava no tampo da

mesa de forma repetitiva, enervante. E o guitarrista, de tão quieto e calado, parecia congelado.

- Bom — disse o Sérgio —, antes de tomarmos qualquer decisão, vou ao hospital tentar saber como está o Paulo e qual o prognóstico dos médicos.
- Se for péssimo só tens uma solução: contrata outros músicos.
- Ó Nell, francamente! Tu não raciocinas? A banda chama-se Cícia, que é o apelido do Paulo. As músicas do nosso repertório são todas dele. Por isso tem direitos de autor e não podemos passar uma esponja sobre o assunto. As coisas não são como tu queres e, na verdade, nem devias querer. Mas és insensível e tola.
- E rasca — acrescentou o guitarrista no tom fleumático do costume. — O tipo a morrer e tu só a pensares em substituí-lo.

Furiosa, Nell pegou na carteira e saiu de rompante e chamou:

- Vens Alfredo? Anda, precisamos de arejar.

Capítulo 6



Peritagem médica

Os dias que se seguiram foram de grande ansiedade para Mateus. No entanto, as perspectivas acabaram por ser mais animadoras do que ele esperava. Paulo recuperou a consciência, o que foi ótimo, mas continuou internado, pois sentia-se muito fraco, muito abatido, cheio de dores e por vezes confuso. Os exames médicos não revelaram qualquer lesão no cérebro, mas a mão direita perdera mobilidade o que para um pianista era trágico. A médica garantia que com tempo e fisioterapia tinha boas hipóteses de recuperação. Mateus apoiara-se nessas informações para tentar animar o tio, ele, porém, talvez devido à depressão, não reagia e de vez em quando queixava-se:

- Estou acabado, sem o piano então é que não sou ninguém.
- Deixe-se disso tio — pedia Mateus —, vai ver que com a fisioterapia recupera mais depressa do que pensa.
- Não tenho paciência para fisioterapias, que aliás devem ser caríssimas.
- O tio tem um seguro de acidentes pessoais.
- Sei lá se tenho, já não me lembro.
- Tem sim. O mediador disse-me que tem e que pagam as despesas de saúde e cem euros por dia enquanto não puder tocar piano.
- Ah, sim. Tanto quanto me lembro o acordo é para pagarem cem euros por dia enquanto estiver incapaz, mas só durante dois meses.
- Já não é mau. E muito antes disso o tio vai ficar ótimo.
- Talvez fosse bom ir à companhia saber ao certo a que é que eu tenho direito e quando começam a pagar.
- Fique descansado, que vou lá hoje.

Na mesma tarde Mateus dirigiu-se à companhia de seguros, convencido de que tudo se resolveria sem problema. Foi atendido por uma rapariga nova e simpática que se dobrou em explicações.

- O seu tio tem de facto um seguro de acidentes pessoais que cobre tratamentos médicos.
- E se ele ficar um tempo sem trabalhar, não tem direito a receber alguma coisa?
- Tem sim. Tem direito a uma indemnização se ficar incapacitado temporariamente ou se ficar inválido. Mas se a culpa do acidente for atribuída à condutora do veículo, todos os danos que o seu tio sofreu serão indemnizados pelo seguro de responsabilidade civil automóvel, que ela tem de ter porque é obrigatório. E nesse caso até pagam ao seu tio uma compensação pelas dores.
- A sério? Ele tem imensas dores.
A rapariga sorriu e esclareceu:
- Dores e danos corporais são avaliados por um dos nossos peritos médicos. Mas o seu tio tem de dar autorização para que lhe sejam entregues os relatórios do hospital.
- Quanto a isso não há problema.
- Além de analisar os relatórios, o nosso perito médico tem de falar com o acidentado.
- Porquê?



Após uma breve hesitação, a rapariga explicou-lhe:

- O acidente que envolveu o seu tio suscita dúvidas.
- Dúvidas? Então, esteve inconsciente, continua no hospital e duvidam de que tenha sido atropelado? Olhe que não faltam testemunhas.
- Nós sabemos porque a pessoa que o atropelou também tem um seguro na nossa companhia. Não há dúvidas de que o seu tio foi atropelado. Falta saber porquê.
- Ora essa! Porque quando ia a atravessar a rua, o carro guiado por uma senhora distraída ou aselha espetou-se-lhe em cima.
- Não foi exatamente isso que disseram todas as testemunhas.
- Então o que é que disseram?
- Algumas afirmaram que a vítima se atirou para debaixo do carro propositadamente.

Mateus sentiu um calafrio, pois ele próprio aventara essa hipótese junto da médica das urgências.

- Se fosse tentativa de suicídio... — arriscou.

Não foi preciso completar a frase para a rapariga perceber o que ele lhe queria perguntar.

- Se o perito médico concluir que se tratou de tentativa de suicídio, a responsabilidade é exclusivamente do

próprio acidentado. Nenhuma companhia de seguros cobre esse tipo de riscos.

- Quer dizer que se chegarem a essa conclusão não lhe pagam nada?
- Sim. E o seu tio foi devidamente informado quando fez o contrato connosco.

Sem saber o que havia de dizer, Mateus despediu-se com um leve aceno de cabeça e saiu consternado a arrastar os pés.

«Que estúpido que eu fui! Que idiota! Por que raio havia de desabafar com a médica! Sei lá se ele se quis suicidar ou não. Se calhar não queria, deve ter sido acidente e agora não recebe nada porque eu me armei em parvo. O meu testemunho tem com certeza mais valor que o dos outros. Que estupidez!»

Por um instante ocorreu-lhe que talvez falando com o perito médico pudesse explicar que na altura estava nervoso, que lhe passaram ideias absurdas pela cabeça.

- Quem será o perito médico? Se eu soubesse pedia-lhe para falar com ele.

Horas depois Mateus recebeu um telefonema que o deixou estupefacto: o perito médico, que aliás era uma médica, a doutora Raquel Silvana, convidava-o a ir ao consultório

dela para terem uma conversa sobre o acidente. Aceitou de imediato, sem sequer verificar se tinha algum compromisso porque naquele momento nada era mais importante. Mal desligou deu início a um discurso interior para se convencer a si próprio de que na urgência do hospital falara de forma impulsiva, sem fundamento, e que na verdade estava absolutamente convencido de que a responsabilidade do acidente era da condutora.

«Tenho de me convencer a mim próprio para ser capaz de convencer a perita. Como é que ela será? Compreensível? Implacável? Vamos ver.»

*

A doutora Raquel Silvana pousou o telefone na mesa de trabalho e respirou fundo.

— Mais um caso bicudo para pôr à prova as minhas qualidades detetivescas.

O cansaço após um dia de trabalho intenso convidava à merecida pausa que resolveu oferecer a si mesma. Tirou um café da máquina, despejou-lhe dentro uma saqueta de adoçante e foi encostar-se à janela a olhar a rua sem a ver porque o encontro que acabava de marcar a levava a virar-se para dentro e a repescar recordações. Há muito que trabalhava como perita médica e não perdera a conta

dos casos semelhantes que lhe tinham ido parar às mãos. Ainda assim continuava a fazer-lhe confusão que houvesse pessoas dispostas a arriscar a vida ou a auto-mutilarem-se para receberem o dinheiro do seguro. Por muitas voltas que desse à cabeça nunca entenderia o que levava alguém a proceder assim, tanto mais que não faltaria gente pronta a pagar o que fosse preciso para evitar o mesmo tipo de sofrimento. Conforme era frequente quando se entregava a recordações do género, vieram-lhe à memória vários indivíduos cujos acidentes tivera de analisar. A primeira que se lhe apresentou na mente foi a impagável Henriqueta das compotas, uma mulheraça cómica a querer armar em espertalhona, que decidira dar uma volta aos problemas financeiros com que se debatia, combinando com um amigo um falso acidente para amachucar a sua carrinha decrepita. O amigo fizera-lhe a vontade, dera-se como culpado e ela então exigira que o seguro dele lhe reparasse os danos da carrinha e lhe pagasse uma indemnização por ter ficado com dores nas costas. O mais engraçado é que insistia em queixar-se de dores que obviamente não tinha, pois ora fingia movimentar-se com dificuldade ora se distraía e se movimentava normalmente.



Só com muita paciência e apoio na longa experiência de anos a fazer aquele tipo de peritagem fora possível desmascará-la.

Nunca mais esquecer a bizarra mulher porque, quando ela soube que não receberia nada do seguro, devido ao relatório da médica, lhe fizera uma espera à porta do consultório na intenção de a sovar.

«Escapei por pouco!», pensou com um sorriso. «Quem ia sofrendo contusões era eu!»

Atrás da figura grotesca que acabava de evocar, emergiu outra, a de um homem ainda novo, bem-parecido, elegante, que também combinara com um amigo um falso acidente. Atirara-se para debaixo do carro dele, na ideia de que depois dividiriam entre os dois a indemnização do seguro.

Por associação de ideias, desfilaram-lhe na mente casos sucessivos de falsos acidentes de trabalho sempre com a mesma intenção, parar de trabalhar e receber uma boa maquia.

«Quedas, feridas, intoxicações, tanta aldrabice inútil e perigosa. Haverá alguma coisa melhor do que estar de perfeita saúde e exercer uma atividade?»

Raquel voltou a sentar-se, abriu o dossiê que tinha em cima da mesa e, antes de recomeçar a ler, ainda pensou que

realmente a sua profissão proporcionava um muito amplo conhecimento da natureza humana.

«E por muito que se trabalhe nisto, continua a haver lugar para surpresas. Veremos o que me reserva este Paulo, compositor e pianista.»

O telemóvel tocou, era o marido, explicou-lhe que provavelmente chegaria tarde a casa.

— Desculpa, mas tenho um dossiê urgente para analisar. Logo que me despache vou ter contigo.

Quando desligou abriu o computador e procurou a pasta com os relatórios referentes a Paulo Cícia.

Capítulo 7



Averiguações

Os relatórios que tinha pela frente, como de costume, eram bastante elucidativos. Paulo Cícia, cuja idade indicava tratar-se de um jovem na força da vida, e que tinha sido atropelado quando atravessava uma rua movimentada, sofrera um traumatismo craniano moderado, com lesão no exterior do crânio e perda da consciência por cerca de três horas.

As análises ao sangue tinham acusado taxa de alcoolemia zero e ausência de substâncias psicotrópicas. O resultado do exame neurológico não revelara lesões.

«Continua internado, ficou com mobilidade reduzida na mão direita e queixa-se de cefaleias, sonolência,

tonturas. Além disso sofre de amnésia parcial, apenas relativa aos momentos que envolveram o acidente.»

Diante daqueles dados não havia que saber, se tivesse sido acidente o seguro teria que pagar todos os custos dos tratamentos e ainda a quantia devida pelo facto de não poder trabalhar durante algum tempo.

«Mas se em vez de acidente foi tentativa de suicídio, não recebe nada, porque nenhum seguro cobre tentativas de suicídio. E quem tem de descobrir a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade, sou eu.»

Apoiou os braços no tampo da mesa, tirou os óculos e permaneceu em silêncio durante alguns instantes. Aquele tipo de desafio sempre lhe agradara e quanto mais complexo fosse o caso mais interessante lhe parecia. Ao longo dos anos aperfeiçoara-se na análise de factos concretos, na procura de pormenores que pudessem fazer a diferença e sobretudo na deteção de aspetos subtis que lhe permitissem reconstituir motivos e intenções para apurar responsabilidades. Orgulhava-se de, na maioria dos casos, se sentir certa e segura das suas conclusões. Naturalmente havia sempre um ou outro que, por ser demasiado intrincado, lhe deixava uma margem de dúvida e o sabor amargo da incerteza. Não tinha então outro remédio senão apresentar as suas opiniões.

«Bom, vamos lá a ler o relatório da polícia.»

Voltou a pôr os óculos e fixou-se no ecrã para fazer uma leitura cuidadosa. Demorou mais do que queria por se deparar exatamente com o mesmo número de testemunhas a dizer que o acidentado se lançara para debaixo do carro e de testemunhas a garantir que fora colhido porque a viatura se deslocava em excesso de velocidade.

«Três a três. Mas se contar com aquilo que o sobrinho declarou no hospital, o prato da balança inclina-se para um lado. E se contar com as declarações da condutora da viatura, que se declarou culpada, o prato inclina-se para outro. Vamos lá a ver como destrinço esta meada. Por agora, debruço-me sobre o relatório do perito que foi ao local do acidente e examinou os danos da viatura.»

O cansaço estava a tornar-se pesado, ocorreu-lhe que talvez fosse melhor interromper o trabalho e ir para casa ou então tomar outro café.

«O pior é que depois não durmo. É melhor fazer mais um esforço e continuar.»

A leitura proporcionou-lhe informações complementares muito úteis. A condutora, Sara Mendes, viajava de carro com a filha.

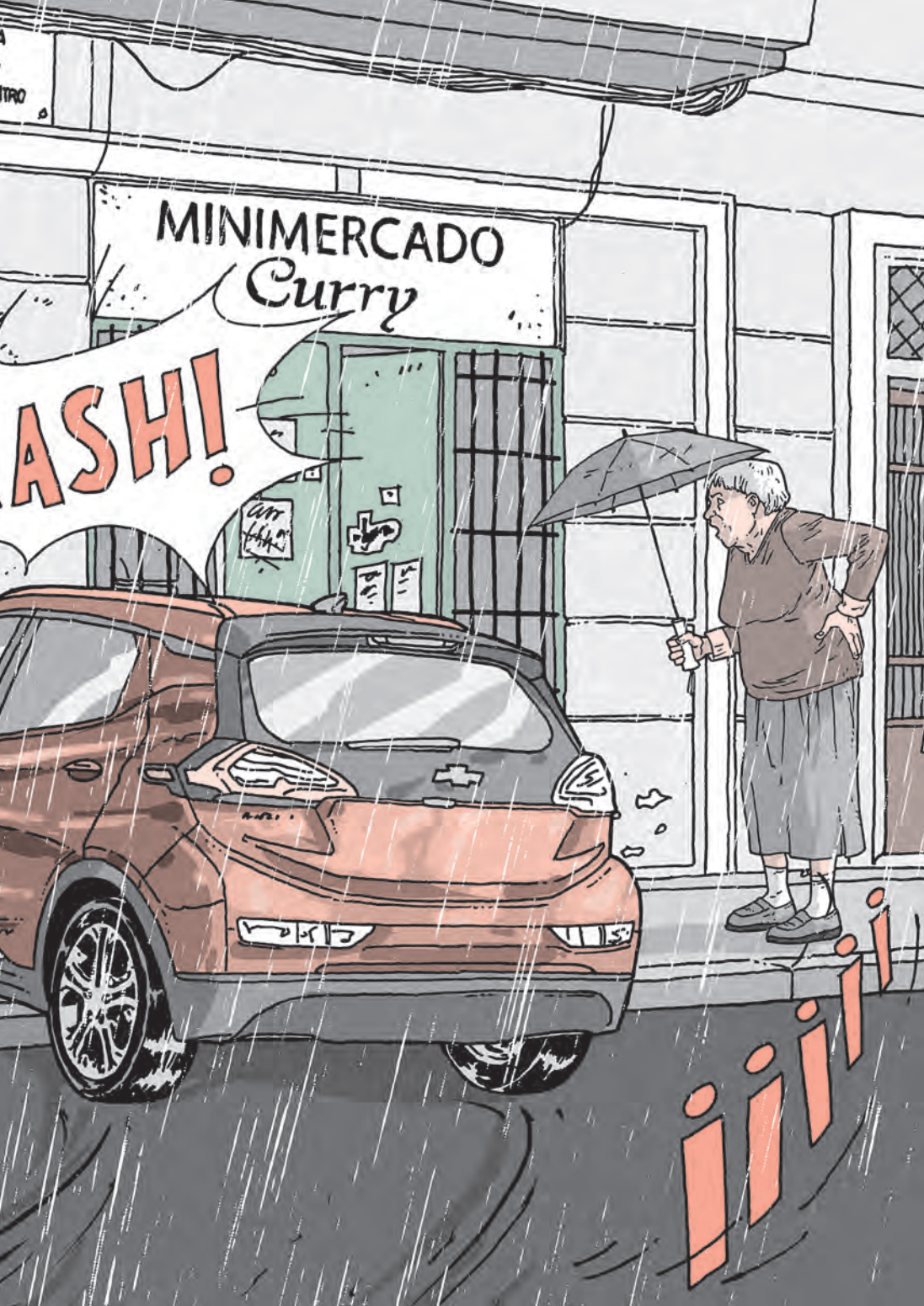


MERCADO

CRA

RUA
D
ENCO

RUA
S
M
M



MINIMERCADO
Curry

ASHI!

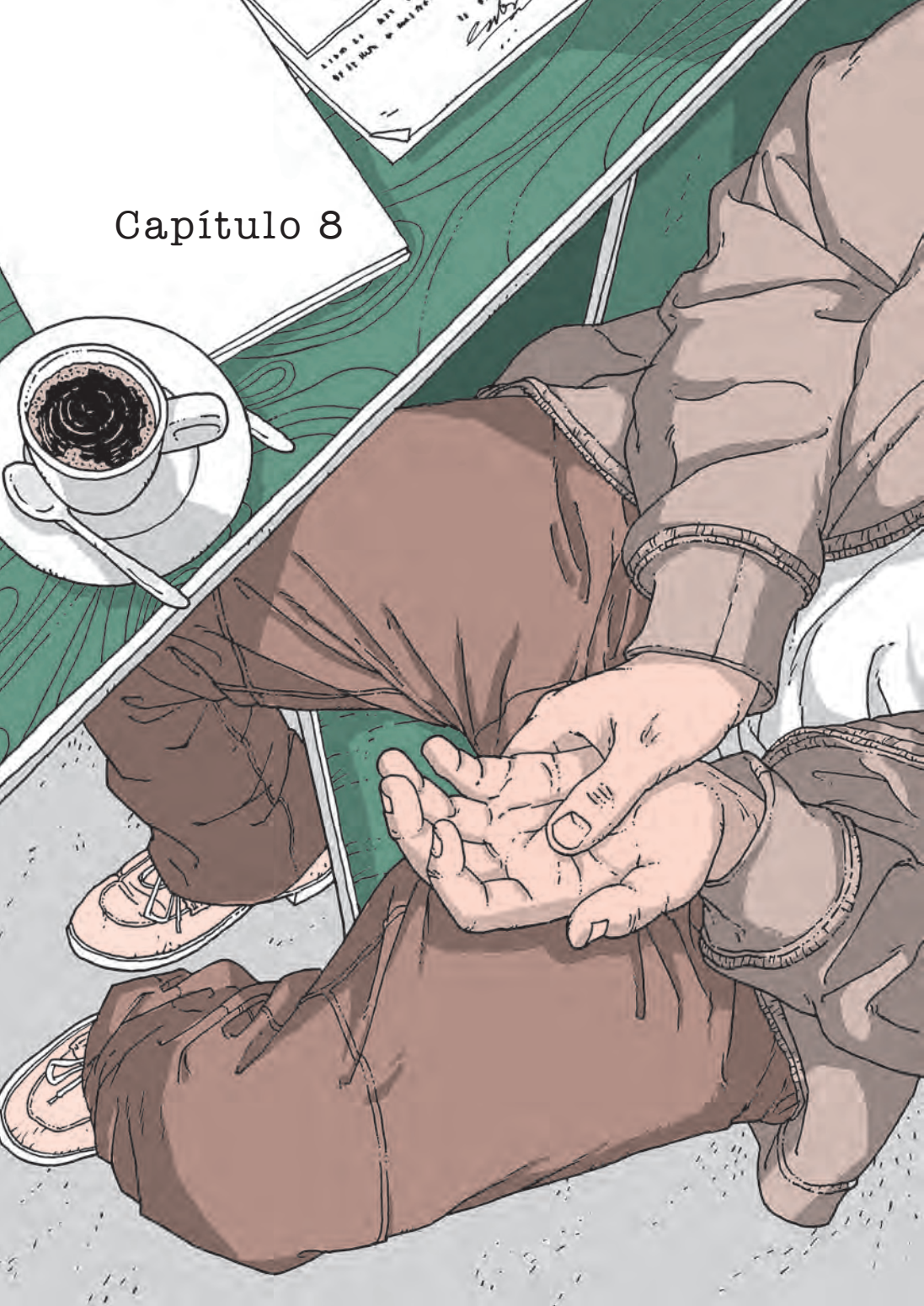
«Bom, a presença da criança põe de lado qualquer hipótese de conluio com o sinistrado. Ninguém se dispõe a simular acidentes com a própria filha no carro.»

O rasto de travagem deixado pelos pneus no pavimento indicava claramente que a viatura se deslocara em excesso de velocidade e que a travagem tinha sido brusca. As incertezas que se lhe acumulavam no espírito levaram-na a telefonar ao perito de automóveis, que por sorte conhecia bem.

- Romeu Antunes?
- Sim, sou eu.
- Não me conheces a voz?
- Ah, Raquel, estás boa?
- Estou ótima. E aposto que adivinhas por que motivo te telefonei.
- Suponho que se trate do caso Paulo Cícia.
- Exato. Já li o teu relatório, mas gostava que me disseses a tua opinião.
- É simples. A condutora declarou-se culpada.
- O que não deixa de ser invulgar.
- De facto. Mas também disse que o homem apareceu diante do carro de repente, não conseguiu evitar o embate.

- E então?
- Se queres que te diga, não tenho certezas absolutas. Já sei que se fala em tentativa de suicídio mas quanto a isso não me pronuncio, porque não sei. O que sei é que ela não guiava propriamente em excesso de velocidade e que quando viu o peão era tarde demais. Talvez estivessem ambos distraídos. Na minha opinião, o mais sensato é considerar responsabilidade partilhada. Se não for tentativa de suicídio. Mas quanto a isso, compete-te a ti determinar.
- Pois. Ainda tenho muito que averiguar, mas por hoje termino. Obrigadíssima e desculpa falar tão tarde.
- Para ti estou sempre disponível. Um abraço.

Capítulo 8



Interrogações

Quando Mateus entrou no consultório da doutora Raquel Silvana estava obviamente muito enervado, muito tenso. O tio continuava no hospital, ele sentira-se na obrigação de prevenir a mãe, que viera disparada do Algarve, e, conforme era habitual, tinha posto tudo em polvorosa, incluindo o serviço do hospital onde o tio se encontrava. As enfermeiras e as empregadas já não a podiam aturar, tinham-lhe implorado que controlasse a mãe e, vendo que não conseguia, chegaram a ameaçar proibi-la de visitar o irmão. O que por um lado não era má ideia, mas, por outro, seria catastrófico, pois transferia o inferno para as costas dele, que já andava atormentado à conta do que tinha dito sobre o tio e o acidente.

Gostaria de se desdizer, mas receava que o mal estivesse feito e não fosse possível remediar nada.

A larga experiência de Raquel permitiu-lhe identificar de imediato o estado de espírito em que lhe aparecia aquele rapaz. Para o pôr mais à vontade mandou-o sentar-se e deu início ao diálogo com perguntas neutras para as quais até sabia muito bem qual seria a resposta.

— O seu tio é um músico famoso, não é? Pertence à Banda Cícia?

— Sim — foi a resposta lacónica.

— Você também toca algum instrumento?

— Não. Sou estudante de Medicina.

— Ah! Então em breve seremos colegas. Em que ano está?

— No terceiro.

— Já pensou na especialidade que gostaria de escolher?

— Ainda não. Há várias que me interessam.

Sem querer, Mateus esfregava as mãos uma na outra, desagrado porque as sentia húmidas.

— Quer um café?

— Sim, por favor.

Raquel levantou-se, pegou num copo de papel e acionou a máquina.

— Açúcar?

- Não. Gosto do sabor natural.
- Faça-lhe companhia, mas para mim tem de ser com adoçante.

«De que estará à espera para abordar o assunto?», pensava Mateus. «Se não começar ela, começo eu.»

Não foi preciso, pois Raquel sentou-se à secretária e deu início a uma espécie de conversa-interrogatório.

- Pedi-lhe para vir aqui porque considero a sua versão dos acontecimentos muito importante para esclarecer o caso.

Olhou-o de frente e aguardou. Mateus aproveitou o ensejo para despejar o discurso que preparara.

- Doutora, no dia do acidente fiquei tão transtornado que disse vários disparates. Quando cheguei à urgência desatei a falar das depressões do meu tio, contei episódios da sua vida amorosa que não interessavam para nada, e até lembrei a tentativa de suicídio de que se falou há ano e meio. Uma estupidez completa.
- Escute, Mateus, tem a certeza de que há ano e meio o seu tio tentou suicidar-se?
- Não. Houve quem pensasse que sim e a notícia veio nos jornais e nas revistas porque ele é um músico muito conhecido. Não passou de um boato ampliado.

- Mas então o que é que deu origem ao boato?
- O meu tio há ano e meio andava em *tournée* com a banda. Dormiu num hotel com a namorada que tinha nessa altura. Parece que discutiram, ele precisava de dormir porque tinha concerto no dia seguinte, pô-la fora do quarto e tomou uns comprimidos para dormir. O mais provável é que depois tenha bebido um copo, ou dois, e o álcool, com os psicotrópicos tem o efeito que sabe.

— Quem chamou o 112?

- Foram os empregados do hotel. A namorada a meio da noite resolveu voltar ao quarto para fazer as pazes, como ele não deu acordo ligou para a receção a pedir ajuda, os empregados assustaram-se e chamaram o 112. A partir daí a situação tornou-se explosiva. Cá por mim a namorada é que se encarregou de espalhar o boato, inventando um suicídio por causa da zanga.

A médica limitou-se a olhá-lo como quem espera que continue e ele continuou:

- A notícia espalhou-se rapidamente e ganhou força. Se quer que lhe diga, até eu acabei por acreditar ou, melhor, por duvidar. Fiquei sem saber se era verdade ou não.
- E nunca falou do assunto com o seu tio?



- Claro que falei. Mas ele ficava tristíssimo, dizia que nunca lhe passara pela cabeça suicidar-se e disparava. Por isso preferi evitar a questão.
- Mas não acreditou nele?
Mateus remexeu-se na cadeira, olhou em volta, encolheu os ombros.
- Para falar com franqueza, pus a hipótese de que estivesse a mentir. Mas depois, a pouco e pouco, compreendi que dizia a verdade. Conheço-o desde que nasci, sei que tem altos e baixos, que é instável, mas não me parece pessoa capaz de se matar. Queixa-se, lamenta-se, isola-se e, quando menos se espera, esquece e atira-se ao trabalho com grande entusiasmo.
- Então e o atropelamento?
- Foi um azar. A culpa é minha.
- Sua?
- Sim.
- O meu tio tinha-se zangado com a namorada, estava transtornado, não queria sair. E eu, pensando que fazia bem, obriguei-o a levantar-se para ir a uma reunião e tentei apressá-lo para chegar a horas.
- Está-me a dizer que o empurrou?
- Fisicamente, não. Psicologicamente, sim.

Na cabeça da doutora Raquel já se formara um quadro mais nítido, mas ainda com lacunas. O rapaz que tinha diante de si obviamente queria proteger o tio e evitar que perdesse o direito ao seguro. Mas muito do que dissera soava a verdade. Não lhe teria valido a pena inventar uma história em torno da primeira suposta tentativa de suicídio, porque seria fácilimo verificar os factos. Quanto ao resto, sobravam interrogações importantes. No meio daquilo tudo ressaltava um pormenor comovente.

— Tanto quer ajudar o tio que assume a responsabilidade.

A conversa terminou sem que Mateus conseguisse adivinhar qual o efeito da entrevista no espírito da perita médica. Quanto à doutora Raquel, saiu do consultório com o esboço de um sorriso terno e três palavras que uma perita de seguros raramente ouve *a culpa é minha*.

*

A garagem onde Sara costumava mandar arranjar o carro era muito perto de casa. Conhecia os donos, conhecia quase todos os empregados, que a acolhiam com agrado, e não se cansavam de lhe dar as explicações que pedisse, não só por ser cliente habitual e vizinha mas também à conta da sua figura esbelta e dos seus esplendorosos olhos azuis. Quando ali entrou para saber se já havia data prevista para

lhe entregarem o carro, foi o dono da garagem que a atendeu a transbordar de solicitude.

- Ainda vai demorar aí uma semana. Mas a senhora tem um seguro muito completo, que cobre os danos próprios no veículo e até lhe confere direito a um carro de substituição.
- Sim, claro. Até já o fui buscar. O problema é que me deram um com mudanças e eu só gosto de carros automáticos. Estou ansiosa por recuperar o meu. Se pudessem acelerar o arranjo, agradecia.
- Faremos o que for possível, mas está muito danificado. Não é só chapa, temos de mudar algumas peças do motor. Foi um acidente e peras, mas podia ter sido muito pior.
- Se podia! Na altura julguei que tinha morto aquele homem, fiquei desesperada.
- E com razão. Mas olhe que se o atropelou talvez a culpa seja dele. De qualquer forma, para a senhora nunca há problema, o seguro paga-lhe o arranjo. Agora quanto a ele não sei.
- Não sabe o quê?
- Se lhe pagam os tratamentos ou não.
- Ora essa! Eu tenho seguro contra terceiros, se o atropelou têm de lhe pagar os tratamentos.

- Aí é que está o busílis. Talvez não tenha sido a senhora a atropelá-lo, mas ele a atirar-se para debaixo do seu carro.
- Que ideia! Ninguém faz uma coisa dessas!
- Faz, se se quiser suicidar. E para isso não há seguro de espécie nenhuma.
A informação deixou-a consternada.
- Só faltava esta! — murmurou. — Coitado!

Capítulo 9



Maneiras de ser

Desde criança que Sara tinha revelado vocação para ajudar quem precisasse. Atenta ao que a rodeava, inteirava-se dos problemas que afligiam as outras pessoas e procurava formas de as ajudar. Com a idade desenvolvera uma especial intuição que lhe permitia captar o que ainda estava para acontecer e nunca deixava de intervir mesmo em prejuízo próprio. Na infância o pai pusera-lhe a alcunha de *senhora dos aflitos*. De início irritara-a, mas com o tempo entendera não poder assentar-lhe melhor. Não era pois mulher para reagir com indiferença ao que acabavam de lhe dizer.

«*Tenho que fazer alguma coisa pelo pobre infeliz que atropelai*», foi a primeira ideia que lhe ocorreu. Depois saiu

disparada e decidiu de imediato que, concluídas as três tarefas que tinha pela frente, iria direitinha para o hospital.

«Vou falar com o tal Paulo Cícia hoje sem falta. Preciso de saber como está e se precisa que o ajude nas questões do seguro. Se for necessário, digo, repito, insisto que a culpa foi minha.»

Por muito que quisesse abrandar o ritmo que imprimia ao seu quotidiano não era capaz. Mal se sentou ao volante, arrancou a uma velocidade quase excessiva, a pensar na melhor maneira de seguir à risca tudo o que tinha na agenda, se possível ganhando alguns minutos para chegar mais cedo ao hospital.

*

Paulo Cícia estava sozinho há horas no quarto do hospital. As persianas baixas asseguravam uma penumbra relaxante. Recostado nas almofadas, de vez em quando testava o movimento dos dedos da mão direita e ora lhe parecia que estava melhor ora se convencia de que estava pior. Aborrecido e cheio de dores de cabeça, semicerrou os olhos na esperança de cair num sono reparador. Subitamente, porém, viu recortar-se na ombreira da porta uma figura de mulher.

— Nell?

O coração acelerara e por uma fração de segundo acreditou que ela viera vê-lo para reatar o namoro. Mas bastou encará-la para a ilusão se desfazer em pó.

Nell entrara pelo quarto adentro sem-cerimónia, seguida de perto pelo agente da banda.

— Sérgio?

Na voz pairava uma interrogação. Tinham vindo como amigos fazer uma visita ao doente ou o que os movera fora interesse profissional?

— Então, pá? Resolveste tirar uns dias de folga?

— Claro, Sérgio. Vocês dão-me tanto trabalho e estava tão farto de vos aturar que resolvi tomar medidas drásticas. Olha, atirei-me para debaixo de um carro e pronto. Estou de férias.

Um sorriso amarelo desenhou-se na cara de Sérgio, uma expressão dura estampou-se na cara de Nell.

— Vocês, homens, francamente! Dizem graçolas à toa mesmo em situações graves.

— Parece que as minhas lesões afinal não são tão graves como isso.

— Ainda bem. Mas eu estava a pensar na banda. Deixaste-te atropelar quando nos preparávamos para o festival mais importante da nossa carreira.

- Tens razão — ironizou Paulo. — Não me apetecia nada ir a esse festival e também não queria fama nem dinheiro. Por isso vim para aqui descansar. Boa ideia, não achas?
- O que eu acho é simples. Tens a obrigação de nos ceder os direitos de autor das tuas músicas para podermos atuar mesmo sem ti.

A proposta funcionou como um autêntico murro no peito. Custava a crer, mas Nell, que ele colocara num pedestal, que rodeara de amor e de atenções, que ajudara a alcançar êxitos como vocalista, só viera vê-lo para fazer exigências. A raiva que sentiu transformou o amor que sentia por ela em desprezo e repugnância.

«Que baixeza!», pensou. «E que estúpido tenho sido!»

Preferiu não recordar situações análogas que já vivera junto de outras mulheres e afastou de si a certeza incómoda de que sempre se sentira atraído por pessoas sem qualidades morais, pessoas pouco afetuosas, pessoas horríveis.

- Vão-se embora daqui — ordenou. — E não contem com nada da minha parte.
- Calma, Paulo. Eu não tenho nada a ver com o que disse a Nell. Vim visitar-te para saber se estás melhor e



para te pedir que cedas os direitos das músicas a troco do pagamento que combinarmos. E espero que voltes à banda logo que possas.

- Só volto à banda se essa mulher desandar. Canta mal e só nos prejudica. Enquanto ela estiver contigo não há direitos para ninguém. Ficam proibidos de tocar as minhas músicas.

Difícil acreditar no que acabavam de ouvir. Nell, furiosa, gritou-lhe:

- És um fraco, Paulo. Não sabes distinguir a vida pessoal da vida profissional.

Não foi preciso mais nada para aparecer uma enfermeira a reclamar:

- Num hospital não se pode falar aos berros. Ou mudam de tom ou façam o favor de sair.
- Por mim, saio já e com todo o gosto. Nunca devia cá ter vindo.

Paulo sentiu ganas de a seguir, de lhe gritar ainda mais alto, de lhe dizer que fosse cantarolar para o inferno. Mas limitou-se a murmurar

- Bruxa.

Ela não ouviu porque já ia pelo corredor fora, fazendo soar os saltos altos nos mosaicos e mastigando palavras

desagradáveis. No quarto Sérgio tentou acalmar o doente e convencê-lo a mudar de ideias. Mas Paulo manteve-se firme.

— A banda está registada em meu nome e as músicas são minhas. Se queres continuar comigo despachas a Nell, arranjas uma vocalista que realmente tenha voz e pronto.

— Pronto o quê, se não podes tocar?

— Ainda. Mas vou poder mais depressa do que pensas. Quando é o festival?

A data que Sérgio lhe indicou, animou-o.

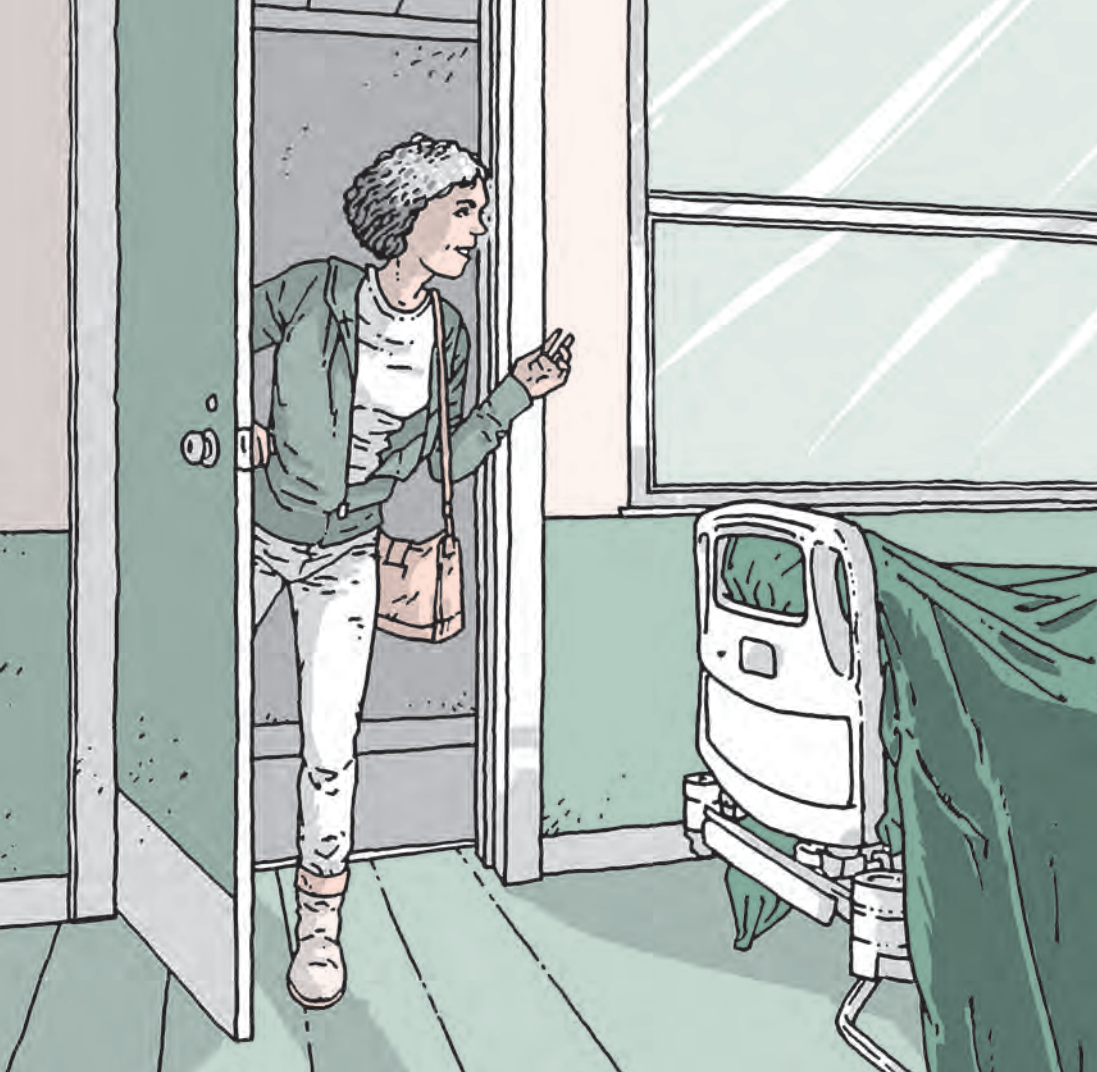
— Dá tempo de sobra para eu recuperar e retomar o trabalho. Nas condições que te apresentei: sem Nell.

— E o baterista?

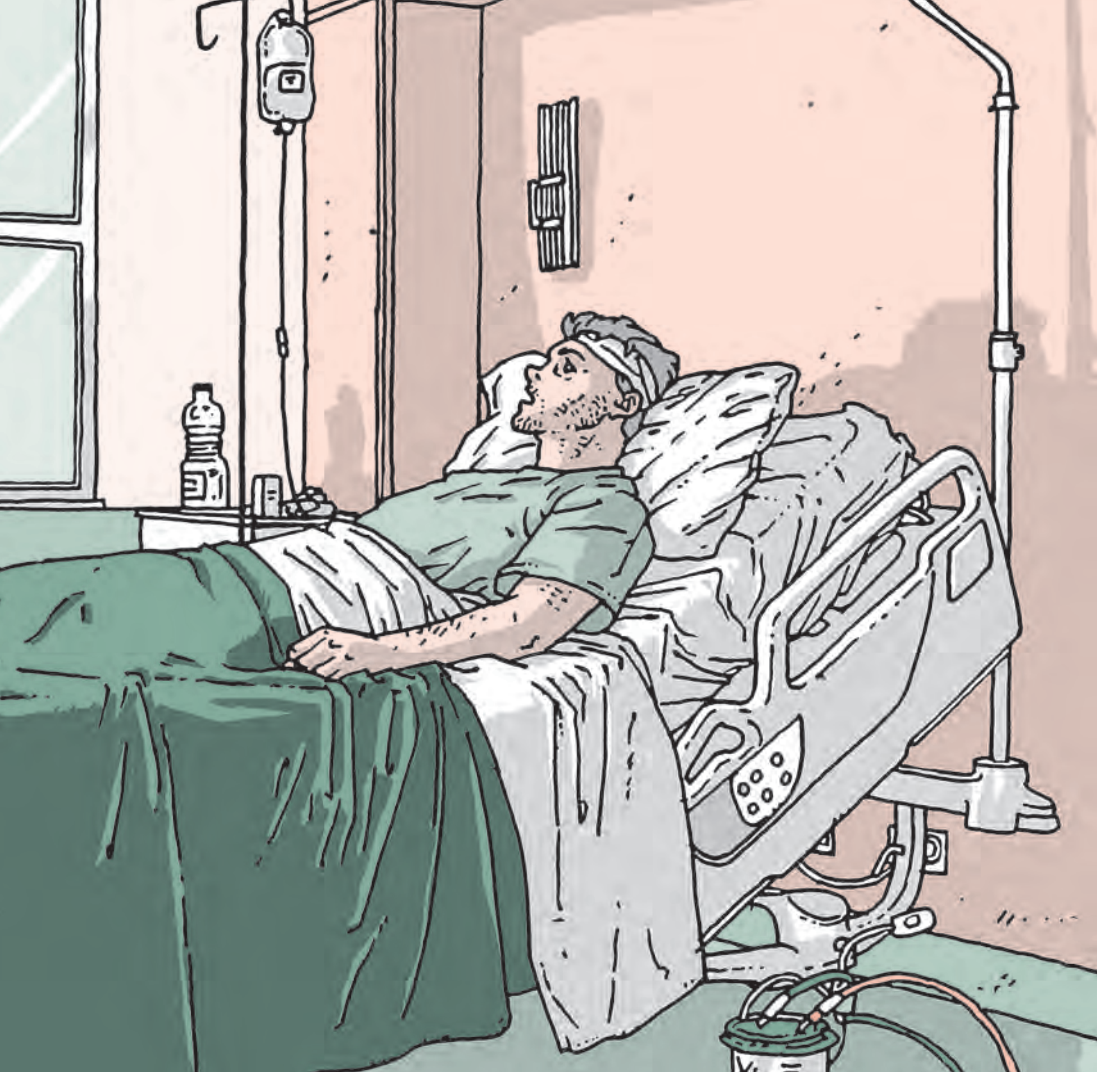
— Esse pode ficar, no fundo é mais uma vítima daquela megera.

Enquanto falava ia tamborilando com os dedos da mão direita na dobra do lençol e desta vez pareceu-lhe que de facto estava melhor.

Sérgio percebeu que não valia a pena insistir. Despediu-se e acelerou o passo na ânsia de apanhar a Nell e resolver logo ali a questão do despedimento. Que nem sequer era difícil conforme lhe tinha garantido o advogado.



No corredor cruzou-se com uma mulher nova, bonita e de impressionantes olhos azuis. Passou-lhe pela cabeça perguntar *Você canta?*, não o fez pois seria absurdo. A mesma



impressão forte agitou Paulo quando a rapariga espreitou pela porta entreaberta e delicadamente pediu:

— Posso entrar?

Capítulo 10



Visita improvável

Qualquer homem ficaria encantado com a visita. Paulo imaginou tratar-se de uma daquelas voluntárias que apoiam doentes nos hospitais e acenou-lhe que sim.

- Entre, por favor.
- Não sabe quem sou, pois não?
- Não.

Ela avançou pelo quarto dentro um pouco hesitante, chegou perto da cama, e endereçou-lhe um olhar suave e tímido.

- Sou a pessoa que o atropelou.

O inesperado da informação deixou-o sem pio. Então Sara sorriu e explicou-se:

— Estou aqui para pedir desculpa. Compreendo perfeitamente que não esteja disposto a desculpar-me e que preferisse não me conhecer. Mas desde o dia do acidente que não durmo quase nada, os remorsos atornentam-me, não tenho sossego, senti-me na obrigação de lhe pedir desculpa pessoalmente e quis certificar-me de que está melhor, conforme dizem.

A voz era agradável, a presença forte e positiva, a sinceridade um bálsamo para quem, como Paulo, sofrera atrocemente ao ser traído por pessoas que lhe eram tão próximas como a Nell e o baterista. Sendo assim, não podia senão devolver-lhe o sorriso.

— Se não tem pressa, sente-se e conversamos um bocadinho, quer?

— Claro, com certeza, foi para isso que o procurei.

À sua maneira, despachada, arrastou uma cadeira para junto da cama e sentou-se.

Paulo inspirou o perfume quente e requintado que se desprendia daquela mulher elegante e de presença agradável.

— Diga-me a verdade — pediu Sara. — Não partiu nada? Não tem dores?

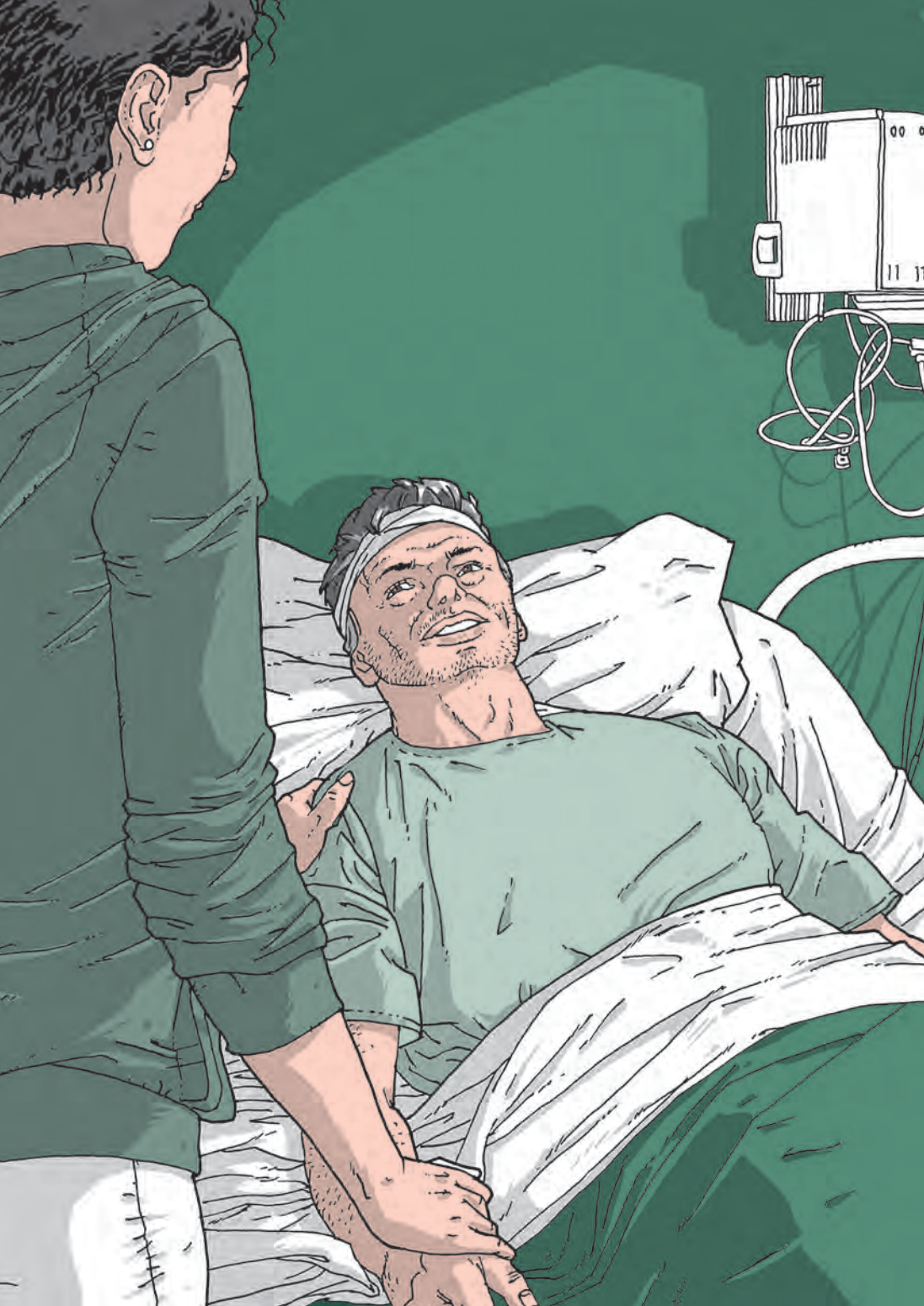
Os olhos azuis brilhavam como faróis, Paulo sentiu-se como que encandeado e sem vontade nenhuma de se queixar.

- Não se preocupe, eu sou rijo. Tive um traumatismo muito ligeiro, estive inconsciente pouco tempo, os médicos dizem que com terapia vou recuperar depressa o movimento total dos dedos. Não se preocupe — repetiu.
- Mas tem dores?
- Sim, algumas. Tenho dores de cabeça perfeitamente suportáveis.
- Ainda bem. Assim fico mais descansada — tomando balanço, acrescentou: — Estou disponível para assumir a culpa de tudo. Se houver alguma coisa que eu possa fazer por si, diga.

Uma ideia súbita e divertida atravessou a mente de Paulo como um relâmpago, mas, em vez de se mostrar risinho, compôs uma expressão séria.

- Bom, pensando bem, talvez me possa ajudar.
- Em quê?
- Na minha banda. Não sei se já ouviu falar. Sou o compositor e o pianista da Banda Cícia.
- Sim, sim. Já me tinham dito. Quer que os contacte? Que leve algum recado?
- Não. O que me dava jeito era que tomasse o meu lugar.
- Como?

Paulo pestanejou e mudou de posição.



- No dia do acidente o nosso agente assinou contrato para participarmos num festival. Como eu estou impossibilitado, preciso de quem me substitua. Você toca piano?
A pergunta deixou Sara embatucada porque aquilo lhe parecia um completo disparate. O traumatismo craniano teria tido consequências de que ele próprio não se apercebia? Fosse como fosse, só havia uma coisa a fazer, fingir que a conversa tinha lógica e prosseguir com naturalidade.
- Tenho a maior das penas, mas não posso substituí-lo porque nunca estudei música nem sei tocar piano.
O ar consternado de Sara enterneceu Paulo.
- Levou-me a sério?
- Ah!...
- Eu estava a brincar consigo. E não se aflija, porque estou absolutamente decidido a vencer esta batalha. O festival começa daqui a um mês e tenciono ficar apto a impressionar o público antes disso.
- Aposto que consegue.
- Pode crer. Mas já agora, diga lá, além de atropelar músicos, que outras ocupações tem?
- Tenho milhentas, ando sempre a correr de um lado para o outro, por isso é que o atropelei. Mas já decidi abrandar o ritmo e vou cumprir.

- Agora sou eu que aposto.
- Aposta que sim?
- Aposto que não. Basta olhar para si para ter a certeza de que não é capaz.
Riram os dois, descontraídos, aliviados.
- Bem, em todo o caso quero tentar.
Remexera-se como quem se prepara para sair de cena, ele não deixou.
- Espere! Já que veio visitar-me, diga-me o seu nome e o que faz na vida.
- O meu nome é Sara e montei há pouco tempo uma empresa de comida saudável que é entregue ao domicílio.
- Corre bem o negócio?
- Bem demais. Não paro.
- E o marido, aprova?
- Não há marido, só filha.
- Tem consigo alguma fotografia dela?
- Tenho no telemóvel.
- Então, se não se importa, gostava de conhecer a cara da filha da mulher que me atropelou.
Sara achou graça.
- Tudo bem.

Procurou uma fotografia recente e, já em pé, entregou-lhe o telemóvel.

- Linda — disse o Paulo. — Sai à mãe.
- Por acaso não se parece nada comigo.

Estendera a mão para recolher o aparelho, mas ele não lho entregou.

- Posso fazer um telefonema?
- À vontade.

Paulo ligou para si próprio e ambos ouviram tocar na gaveta da mesa de cabeceira.

- Pronto. Com este toque fiquei com o seu número e você com o meu, para se precisarmos de falar à conta do acidente.
- Boa ideia — respondeu Sara, estendendo-lhe a mão para se despedir — há de correr tudo bem. Mas, conforme lhe disse, se houver alguma coisa que eu possa fazer por si não hesite em contactar-me.
- Combinado.

Saiu do quarto, deixando atrás de si um rasto de perfume muito feminino e muito sedutor. Paulo recostou-se nas almofadas, fechou os olhos e evocou o sobrinho.

- Tinha razão, o Mateus. Às vezes, quando menos se espera, têm-se boas surpresas.



SUMUNG

DUOS

17% 19:28

CANCELAR

GUARDAR



Sara

Número de telefone

832 195 324

Telemó...



Cicia



Uma ideia repentina fê-lo estender o braço até à mesa de cabeceira e abrir a gaveta. Sara ainda percorria o corredor do hospital quando o telemóvel tocou. Atendeu, era o Paulo.

- Sou eu. E afinal tenho um pedido para lhe fazer. Um pedido a sério. Você disse-me que tem uma empresa de comida saudável.
- Sim.
- E que faz entregas ao domicílio.
- Exato.
- Seria possível mandar-me jantar? É que não gosto nada da comida que servem aqui no hospital.
- Nada mais fácil. A que horas quer que entregue?
- As visitas são até às oito da noite, terá de ser antes disso.
- Fique descansado, que não me esqueço.

Capítulo 11



Em espera

Os médicos assinaram a alta dois dias depois. Paulo regressou a casa ainda um pouco combalido e instado a continuar a fazer fisioterapia todos os dias. A irmã e o sobrinho foram buscá-lo ao hospital. Mateus não pôde ficar a fazer-lhe companhia porque tinha aulas, ficou com a irmã que, vivendo no Algarve, não acompanhava os delírios amorosos dele e nem sequer chegara a conhecer pessoalmente a vocalista Nell. A única coisa que Maria da Luz sabia é que o irmão tinha sido atropelado. O filho só a prevenira quando as notícias já não eram assim tão más, em todo o caso afligia-se porque o centro da vida dele era a música e ficara com a mobilidade da mão direita afetada. Paulo sempre levava tudo

para o trágico, desde criança, receava abordar o assunto, mas se não o fizesse, tudo o que dissessem soaria artificial. Ainda dava voltas à cabeça para encontrar as palavras que evitassem reações negativas e já Paulo se sentara ao piano. Para seu grande espanto, ouviu-o premir as teclas e depois pareceu-lhe que estava a tocar uma das suas músicas, com alguma dificuldade sim, mas a tocar. Então aproximou-se, pôs-lhe a mão no ombro, procurou encorajá-lo.

— Estás melhor do que o que eu pensava.

— Da mão esquerda estou ótimo, o pior é a direita. Ora vê.

Tentou esticar e encolher os dedos, mas não conseguiu completamente.

— Vais ver que com a fisioterapia isso resolve-se. O Mateus contratou um fisioterapeuta que ele conhece para vir aqui a casa mais logo. E há de contactar a Companhia de Seguros, porque como tu tens um seguro de acidentes pessoais vão pagar-te os tratamentos.

— Pois, ele que trate disso. Agora o que me apetecia era um bom almoço.

— Eu não sou grande cozinheira, mas se tiveres ovos posso fazer-te uma omelete.

— Não vale a pena. No hospital conheci uma pessoa que fornece refeições ao domicílio e não são nada más.

- Experimentaste?
- Sim. Encomendei várias refeições, eram boas.
- Nesse caso encomenda para ti e para mim.

A ligeireza com que Paulo parecia encarar o acidente, o facto de estar diminuído e a incerteza quanto ao tempo necessário à recuperação, tudo causou estranheza a Maria da Luz. Sabia que o irmão era dado a grandes entusiasmos, alternados com depressões, mas sempre dado mais ao trágico. A que se deveria aquela mudança de atitude? À idade? À maturidade?

- Vou esperar para ver ou para perceber.

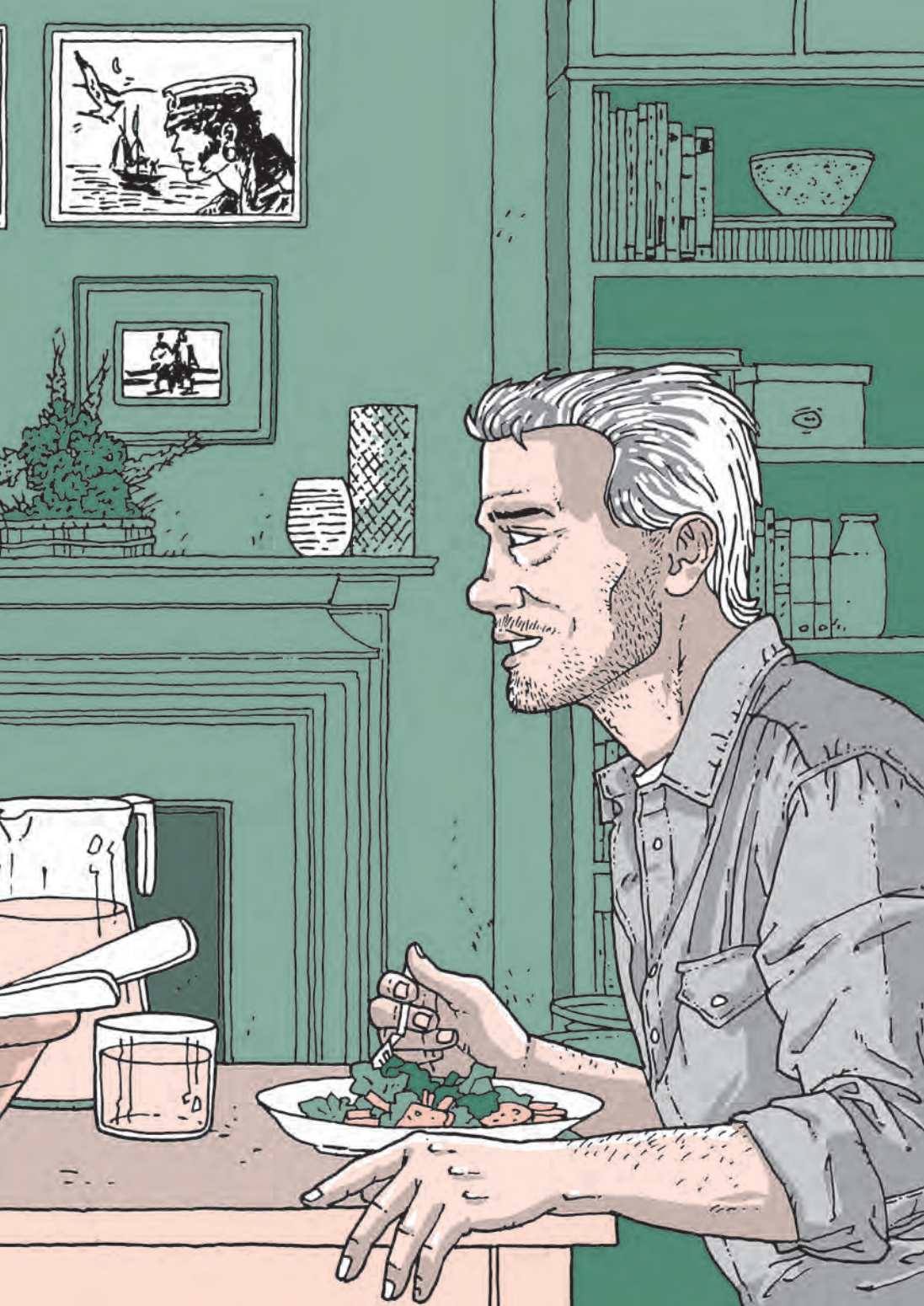
À hora do almoço sentaram-se ambos diante de sopas, saladas e sobremesas de fruta, ele tão cordial que por instantes ocorreu a Maria da Luz ser devido ao novo tipo de alimentação que Paulo se mostrava mais positivo e mais bem-disposto do que era habitual. Mas como ela própria detestava saladas, afastou a ideia. Se motivo houvesse, devia ser outro. Enfim, o que importava é que o irmão não se deixara abater.

- Queres café, Paulo?
- Quero. A máquina está na cozinha.
- Eu vou buscar.

Levantou-se muito ligeira, voltou com duas chávenas e anunciou que, quanto à recuperação, se sentia otimista.

**W
HA
TARE
OUDOI
NOTHING
LIFERRAINONNI**





- Quando menos esperares ficas apto a tocar qualquer instrumento.
- Por mim já fico bem contente se tocar piano. Por agora, vou dormir uma soneca.

Maria da Luz ficou sozinha. Para passar o tempo acendeu a televisão e entreteve-se com uma série policial. Continuava apreensiva mas não em excesso. O pior foi à noite, quando o filho regressou a casa e em privado lhe contou o que se passava com o seguro.

- É sempre assim! — vociferou. — As pessoas fazem seguros, pagam o que têm a pagar e na hora em que precisam não há nada para ninguém! Ou melhor, há desculpas para não abrirem os cordões à bolsa.
- Ó mãe, por favor acalme-se que o tio pode ouvir.
- Ele vai ter que saber.
- Quando chegar o momento, porque ainda estão a averiguar o que se passou.
- Averiguar, a averiguar, ele foi atropelado e pronto. Isso é um facto, o resto são tretas, desculpas de mau pagador. Cheio de paciência, Mateus obrigou-a a sentar-se e repetiu o que já lhe dissera:
- Não há seguros que cubram suicídios ou tentativas de suicídio. O atropelamento levantou suspeitas porque

houve testemunhas a afirmar que o tio se atirou para debaixo do carro.

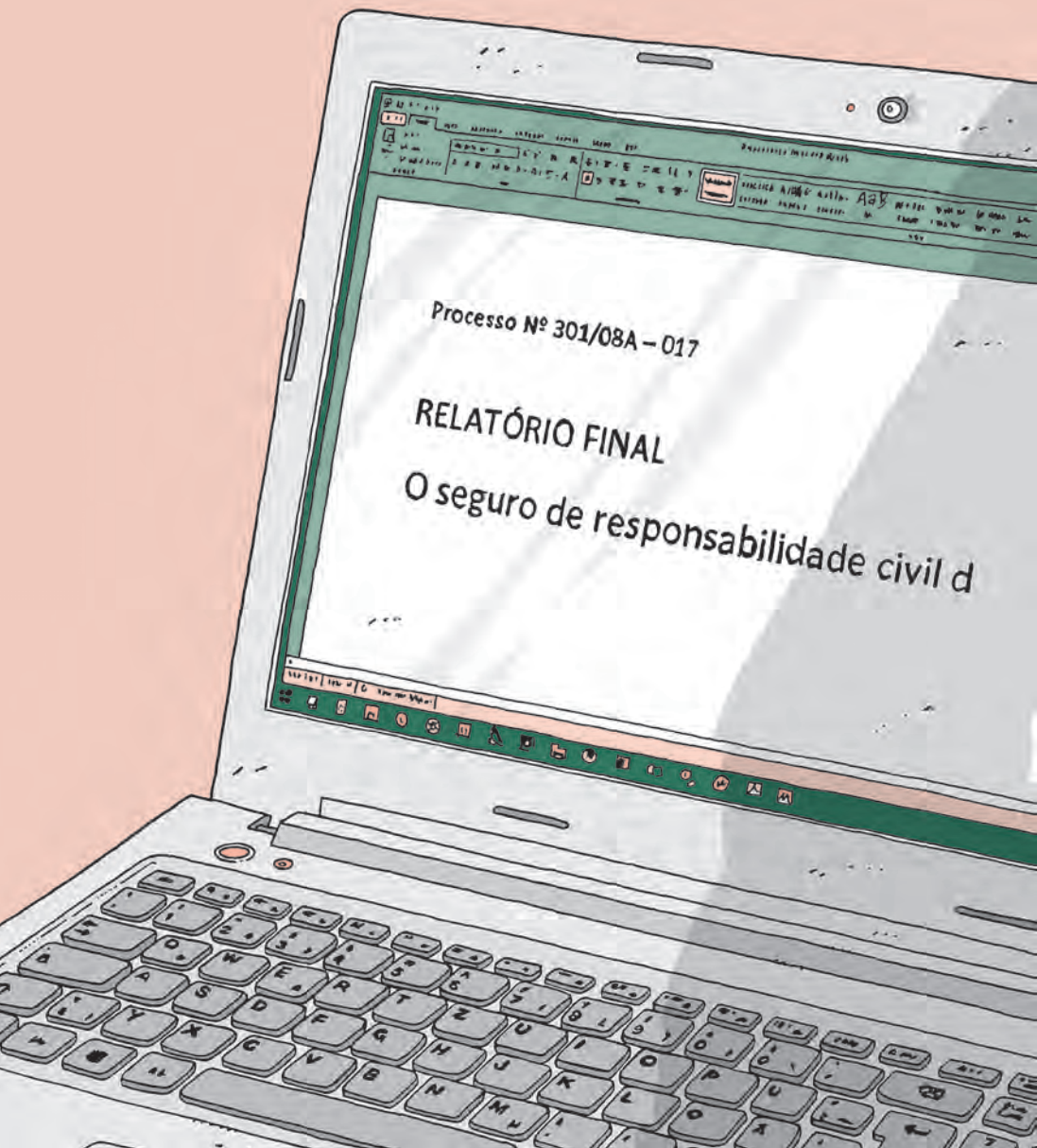
- Que disparate! Quem é que se atira para debaixo de um carro?
- Não seria a primeira vez. E o tio tem contra ele aquela história que há ano e meio foi publicada em tudo quanto era revista.
- Quer dizer que agora estás a favor dos seguros e contra o tio que tem sido um pai para ti.

Mateus dispensou-se de dizer que ultimamente os papéis se tinham invertido e também preferiu manter a mãe na ignorância sobre o que declarara à médica das urgências.

— Nestas ocasiões não se tem de estar a favor de um ou a favor de outro, o que importa é a verdade. Não vale a pena gastar energias porque faça a gente o que fizer as averiguações prosseguem e só param quando chegarem ao fim.

- Então cruzamos os braços?
- Sim. Porque a bola está nas mãos da perita médica com quem eu até já falei. Pareceu-me...
- O quê?
- Séria e competente. Temos de esperar pelo relatório que ela há de fazer.

Capítulo 12



Veredicto final

A doutora Raquel Silvana continuava às voltas com o caso de Paulo Cícia. Como não se sentia capaz de tirar conclusões definitivas, entendeu por bem convocar a condutora que atropelara o segurado em questão e aguardava que chegasse a qualquer momento. Não precisou de esperar muito, pois Sara não só era pontual como ficara contente por ajudar o infeliz que tinha tido o azar de se cruzar com ela em má hora.

À conta dos remorsos que a atormentavam, procurara obter informações sobre a melhor maneira de lhe ser útil e descobrira que, sendo culpada, não havia problema, pois o seguro dela pagava também as despesas dele na totalidade.

Apresentou-se pois no consultório pronta a assumir a responsabilidade do acidente. E foi o que fez mal se sentou em frente à médica. Não contava com a perspicácia e a longa experiência da médica em detetar intenções ocultas por trás do que as pessoas lhe diziam.

— Vamos lá a ver, o perito que se ocupou de analisar a ocorrência escreveu no relatório que você não se deslocava propriamente em excesso de velocidade.

Sara pestanejou, atrapalhada.

— Acho que não. Mas estava com pressa, acelerei e não devia.

— O homem que atropelou estava numa posição que lhe permitia ver o seu carro a avançar?

— Suponho que sim.

— E terá visto?

— Só ele é que pode dizer.

— Mas qual é a sua opinião?

Em vez de opinar, Sara enumerou várias hipóteses.

— As pessoas às vezes andam na rua distraídas. Ele podia estar distraído, mas ninguém tem culpa de se distrair, não é? Também pode ter calculado mal.

— Calculado o quê?

- O tempo de que precisava para atravessar a rua. Se eu não fosse tão depressa, conseguia travar e não o atropelava. Além disso convém lembrar que o piso estava escorregadio.
- Ele encontrava-se parado no passeio e de repente avançou, ou vinha em movimento?
- Francamente, não sei. Não reparei, foi tudo muito rápido.

Os olhos azuis transmitiam uma certa tristeza e o movimento das mãos indicava alguma insegurança.

«Esta rapariga quer arrumar o assunto declarando-se culpada», pensou a médica. «Está cheia de remorsos por ter atropelado alguém, autorrecremina-se para aliviar a consciência. Ou seja, continuo sem poder tirar conclusões certas e definitivas.»

Ainda lhe fez mais algumas perguntas sem que ela alterasse a sua versão dos acontecimentos. Antes de dar por findo o interrogatório, arriscou:

- Pensando bem, sobre tudo o que aconteceu, não põe a hipótese de ele se ter atirado de propósito para a frente do seu carro?
- Não! — foi a resposta pronta e quase indignada. — Só se estivesse louco ou bêbedo e não estava.

- Como é que sabe?
- Informei-me. E até fui ao hospital visitá-lo.
- Ai sim?
- Sim. Quis pedir-lhe desculpa.
- Ele recebeu-a bem?
- Muito bem. Pareceu-me um homem perfeitamente equilibrado.

Certa de que não valeria a pena continuar, a médica deu por finda a conversa e despediu-se. Quando ficou sozinha, apoiou os cotovelos no tampo da mesa e o queixo na palma das mãos.

- Só me faltava esta para a coleção! Nunca analisei um caso em que toda a gente insiste em declarar-se culpada! Resta-me interrogar o próprio Paulo Cícia, veremos o que me diz.

O que ele lhe disse, quando mais tarde se encontraram, obrigou-a a disfarçar um sorriso.

- A culpa foi minha!

Raquel limitou-se a erguer as sobrancelhas como quem espera o resto da frase, mas Paulo manteve-se em silêncio e teve que o interrogar.

- A culpa foi sua porquê?
- Porque atravessei a rua sem olhar para os lados.



- Costuma proceder assim?
- Suponho que não.
- Supõe?
- Sim. Como nunca tinha sido atropelado antes é de supor que geralmente sou cuidadoso.

Brincar naquela situação não era aconselhável, mas Raquel sempre fora paciente e cultivava uma certa benevolência para com os artistas. Ora aquele homem era músico. Decidiu então fazer uma pequena pausa para lhe dar tempo a deixar-se de fantasias.

- É do conhecimento público que você sofre de depressões. Confirma?
- Confirmo.
- Na altura do acidente estava deprimido?
- Estava. Reajo muito mal aos desastres sentimentais.
- E?
- E na véspera do acidente a rapariga com quem eu andava acabou com tudo. Fiquei de rastos e massacrei o meu sobrinho a dizer-lhe que a vida perdera o sentido, que não queria viver mais.
- Consta que não seria a primeira vez que tentava o suicídio.

- Paulo Cícia procurou-lhe deliberadamente o olhar.
- Eu nunca tentei matar-me. O que veio nas revistas foi uma aldrabice da rapariga com quem eu na altura saía.
 - Quer dizer que não era a mesma de agora?
 - Não. Sou de paixões violentas, mas variadas. Talvez seja esse o meu duplo mal.
 - E não suporta ser abandonado.
 - Não. O fim é sempre dramático, mas nunca a ponto de perder a cabeça.
 - Tanto quanto sei, quando há um ano e meio se espalharam notícias sobre a sua tentativa de suicídio, você não contestou.
 - Pois não, doutora. Porque se eu contestasse, nunca mais paravam de escrever sobre o assunto. Preferi ignorar os boatos.
 - Tomou ou não tomou comprimidos?
 - Tomei, admito que me tenha enganado na dose e talvez também que tenha bebido álcool por cima, sem pensar. São coisas que podem acontecer a qualquer um. Garanto-lhe, no entanto, que nem quis matar-me nessa altura nem me quis matar agora. Queixei-me da vida, mas faz parte do quadro. Conheço imensa gente que já

disse *estou farto da vida*, quando na verdade adora viver. São maus momentos, de desânimo, de cansaço, que se ultrapassam.

- Voltamos então ao princípio da conversa. Por que motivo se declarou culpado do atropelamento?
- Porque vinha a caminhar à toa, e não olhei para os lados. Só isso. Não posso negar que estou desnorteado, mas não seria justo atirar as culpas para cima da condutora. Se o seguro não me pagar nada porque não tomei as precauções devidas, paciência, cá me hei de arranjar melhor ou pior. Tenho algum dinheiro de parte, não vou à falência.

Isenta, competente e experiente como era, a doutora Raquel reconheceu a sinceridade do seu interlocutor. E ficou satisfeita, pois com frequência tinha de enfrentar pequenos, médios e grandes aldrabões. Disfarçou o alívio, despediu-se e, mal ficou sozinha, abriu o computador, para finalmente fazer o relatório, agora cheia de certezas:

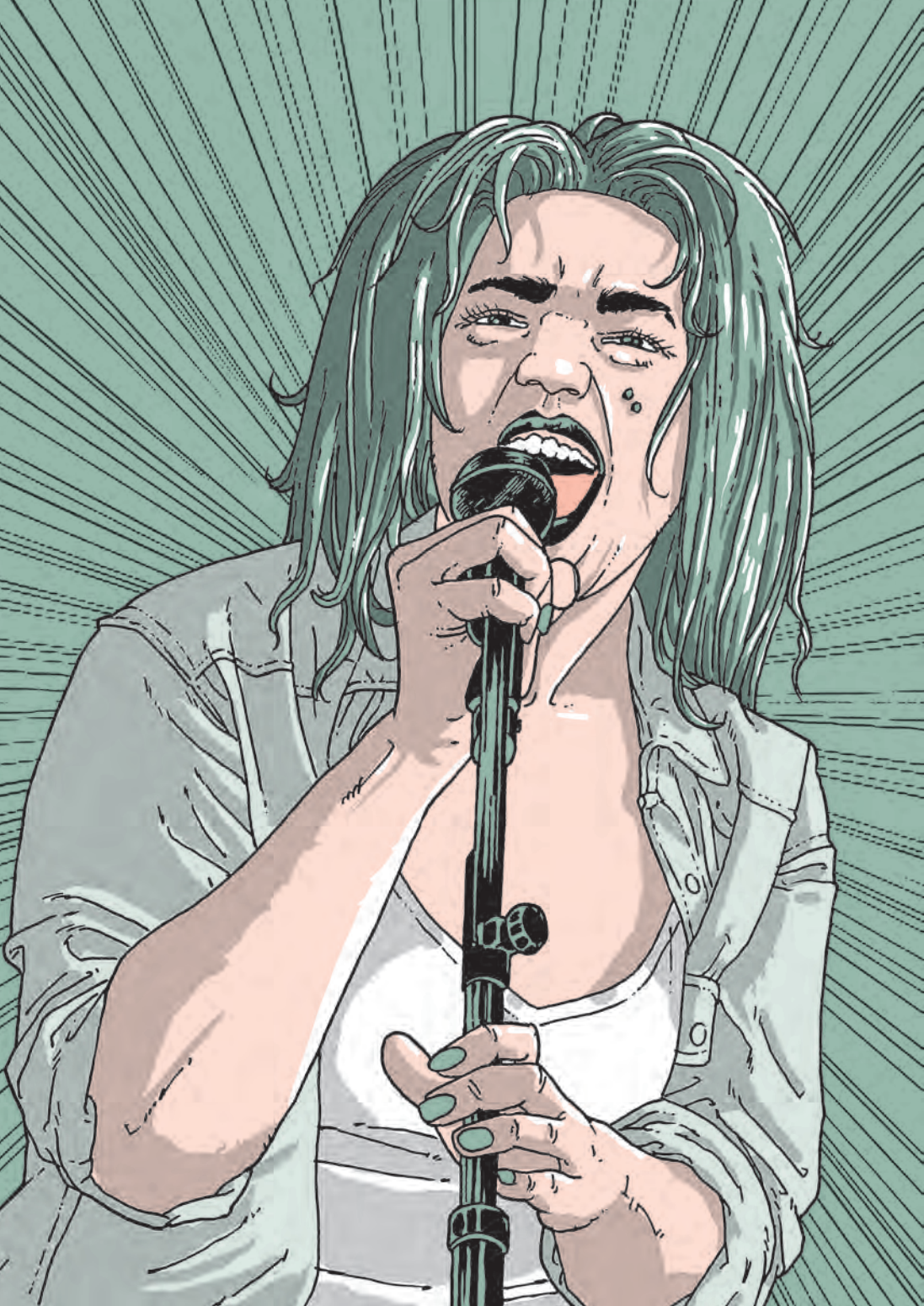
O seguro de responsabilidade civil da Sara vai ter de cobrir as despesas do tratamento, pagar a compensação pelas dores sofridas, e ainda os dias em que ficou impossibilitado de trabalhar.

*

O mês que se seguiu foi um desafio constante para Paulo Cícia, que desejava recuperar inteiramente a mobilidade dos dedos da mão direita. Além de fisioterapia diária atirava-se constantemente ao piano que tinha em casa para exercitar os dedos, o que acabou por se traduzir num autêntico inferno para os vizinhos durante o dia e para o sobrinho à noite. Mateus sofreu ainda as agruras de quem se vê obrigado a alterar os hábitos alimentares. Em vez de bifes com batatas fritas e outros pratos do género, que o tio resolvera passar a classificar de *bombas calóricas*, teve de se conformar com as refeições saudáveis fornecidas ao domicílio, não poucas vezes pela própria dona da empresa, uma Sara que enfeitava o ambiente com os seus deslumbrantes olhos azuis e que trazia consigo uma filha pequena, gordinha, simpática e tímida chamada Rita, com quem o tio parecia entender-se tão bem, que prometera ensinar-lhe a tocar piano logo que lhe fosse possível.

Quanto à banda, ensaiava freneticamente para o festival, já com a nova vocalista, esta de facto com magnífica voz, mas bastante feiosa.

Aproximava-se a data do primeiro concerto, Paulo, ainda não completamente recuperado, e muito nervoso, aca-



bou por conseguir acalmar por lhe ter ocorrido uma solução bizarra, que confidenciou apenas ao agente, aos técnicos do som que normalmente acompanhavam a banda, e ao sobrinho, porque não era capaz de lhe esconder nada.

- Se eu ainda não estiver bom levo a minha parte gravada, sento-me ao piano e finjo que toco. Não serei o primeiro a fazê-lo, nem o último.

Perante a estupefação dos que o ouviram e que depois evoluiu para aprovação silenciosa, acrescentava:

- É uma solução criativa. Sou artista, logo sou criativo.

A história a que se deu o nome *Encontro Acidental* refere dois tipos de seguros cujas particularidades convém conhecer:

- Seguro de acidentes pessoais
- Seguro automóvel

O SEGURO DE ACIDENTES PESSOAIS

O seguro de acidentes pessoais cobre muitos riscos que podem acontecer às pessoas, nas mais variadas circunstâncias, em qualquer lugar do mundo e ao longo das 24 horas do dia. Por exemplo, se um segurado ficar sem poder trabalhar devido a um acidente que ocorreu em casa, na rua, em viagem, etc., a seguradora contribui com uma quantia para pagar os tratamentos e o internamento num hospital. No caso de ter sido previsto na apólice, contribuirá também com uma determinada quantia diária para compensar a ausência de remuneração resultante de trabalho que o segurado não pode realizar devido ao acidente.

O SEGURO AUTOMÓVEL

Quem tem carro é obrigado a fazer um seguro de responsabilidade civil para pagar prejuízos que possa causar a outras pessoas, incluindo aos passageiros que transportar, o que vulgarmente se chama «seguro contra terceiros». Isto quer dizer que, se bater noutra carro, o seguro paga o prejuízo desse outro carro e os danos causados aos seus ocupantes.

No entanto, este seguro não protege nem o carro nem o condutor responsável pelo acidente. Por isso é muito aconselhável que quem tem carro faça aquilo a que vulgarmente se chama «seguro de danos próprios», ou seja, um seguro que inclua danos sofridos pelo próprio carro, porque, em caso de acidente, a seguradora pagará também uma boa parte das despesas do arranjo do carro do segurado.

Os contratos de seguro automóvel têm variantes. Podem ainda incluir:

- O direito a um carro de substituição enquanto o do segurado estiver a ser arranjado.
- A proteção do condutor responsável pelo acidente.
- Assistência em viagem.

- Indemnização se o carro for roubado, se sofrer efeitos de catástrofes naturais ou se for danificado por atos de vandalismo.

O preço do seguro diminui ou aumenta conforme as variantes incluídas no contrato.

PROTEÇÃO CONTRA ACIDENTES NAS RUAS E ESTRADAS DE PORTUGAL

O Código da Estrada é uma lei que estabelece regras para permitir a circulação de veículos e peões em segurança. Essas regras devem ser conhecidas e respeitadas pelos condutores de todos os tipos de veículos, pelos passageiros e também pelos peões.

Com o mesmo objetivo, realizam-se ações de formação e campanhas de prevenção rodoviária destinadas a crianças, a jovens e a adultos.

No entanto, apesar dos esforços constantes das autoridades e da progressiva consciencialização dos cidadãos acerca dos riscos associados à circulação nas cidades e nas estradas, o número de acidentes que ocorre em Portugal todos os anos

continua elevado, tal como continua elevado o número de vítimas.

No ano 2015, por exemplo, foram registados 892 250 acidentes. As seguradoras contribuíram com mais de mil milhões de euros para garantir o pagamento dos prejuízos materiais e dos danos corporais sofridos por 41 549 vítimas, das quais 593 faleceram.

O quadro seguinte permite ficar a saber: quantas das vítimas de acidentes ocorridos em Portugal, em 2015, eram condutores, passageiros ou peões; que tipos de veículos estiveram envolvidos; a que grupos de idade pertenciam as vítimas. Permite ainda comparar o número de acidentes em que o condutor era do sexo feminino com aqueles em que o condutor era do sexo masculino.

ACIDENTES E VÍTIMAS NAS ESTRADAS PORTUGUESAS — 2015

NÚMERO DE VÍTIMAS	VÍTIMAS MORTAIS	FERIDOS GRAVES	FERIDOS LEVES	TOTAL DE VÍTIMAS	POR 100 VÍTIMAS	
					MORTOS	GRAVES
CONDUTORES	363	1292	24176	25831	1,4	5,0
PASSAGEIROS	84	428	9807	10319	0,8	4,1
PEÕES	146	428	4825	5399	2,7	7,9
TOTAL	593	2148	38808	41549	1,4	5,2

NÚMERO TOTAL DE VÍTIMAS	IDADE (EM ANOS)						Total
	< 20	20-30	30-40	40-50	50-60	>60	
PEÕES	1098	471	448	559	739	2079	5394
LIGEIROS	3121	5594	4479	3942	3270	4976	25 382
PESADOS	46	71	113	153	159	111	653
VELOCÍPEDES	372	222	348	367	279	374	1962
CICLOMOTORES	343	363	334	519	543	834	2936
MOTOCICLOS	474	1095	1287	957	496	297	4606
OUTROS	49	60	58	62	76	276	581
TOTAL	5503	7876	7067	6559	5562	8947	41 514

NÚMERO DE CONDUTORES INTERVENIENTES	IDADE (EM ANOS)						Total
	< 20	20-30	30-40	40-50	50-60	>60	
FEMININO	451	3229	3724	3476	2182	1587	14 649
MASCULINO	1648	6604	7020	6733	5645	7763	35 413
TOTAL	2099	9833	10744	10209	7827	9350	50 062

Dados adaptados de informação da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária

ALGUMAS REGRAS BÁSICAS DE CIRCULAÇÃO PARA EVITAR ACIDENTES

PEÕES NA CIDADE

- Andar sempre pelo passeio e nunca pelas faixas de rodagem.
- Atravessar sempre nas passadeiras de peões.
- Respeitar sempre as indicações dos semáforos e só atravessar quando o sinal para peões está verde.
- Se não houver passadeiras nem semáforos, atravessar só em locais com boa visibilidade.
- Antes de atravessar uma rua olhar sempre para a direita e para a esquerda.
- Antes de atravessar olhar o carro e, sempre que possível, os olhos do condutor para se certificar de que não está distraído e se apercebeu de que vamos atravessar.

PEÕES NA ESTRADA

- Deve caminhar-se sempre pelo lado esquerdo da estrada, de modo a ver os carros de frente e a ser visto pelos condutores.
- Quando se caminha pela estrada em grupo deve avançar-se em fila indiana.
- Quem caminha à noite pela berma de uma estrada deve tomar precauções para se tornar visível aos olhos dos condutores dos veículos em circulação. Por exemplo, usar roupas claras com materiais refletores e transportar uma lanterna acesa.

PASSAGEIROS DE AUTOMÓVEIS

- Usar sempre o cinto de segurança, tanto no banco da frente como no banco de trás porque, em caso de travagem brusca ou de acidente, o cinto impede que a pessoa seja projetada contra os vidros, contra as portas, contra outros passageiros, ou até para fora do carro.
- Não transportar objetos pesados soltos no interior do carro. Até as cadeirinhas de criança devem estar sempre bem presas com os cintos de segurança.
- Evitar toda a forma de agitação que possa distrair o condutor.

PASSAGEIROS DE AUTOCARRO

- Viajar sempre sentado ou agarrado aos varões, para evitar safanões ou quedas.
- Ao sair do autocarro, não atravessar a rua antes de o autocarro se afastar, para poder ver e ser visto pelos condutores de veículos em circulação.

CONDUTORES DE BICICLETAS E DE MOTOCICLOS, PRATICANTES DE PATINAGEM OU DE SKATE

- Usar sempre capacete, luvas, cotoveleiras e joelheiras, que são os únicos tipos de proteção para o corpo, em caso de queda ou acidente.
- Circular de preferência em ciclovias ou outros locais próprios, bem como em vias, ruas ou estradas com pouco trânsito automóvel.

